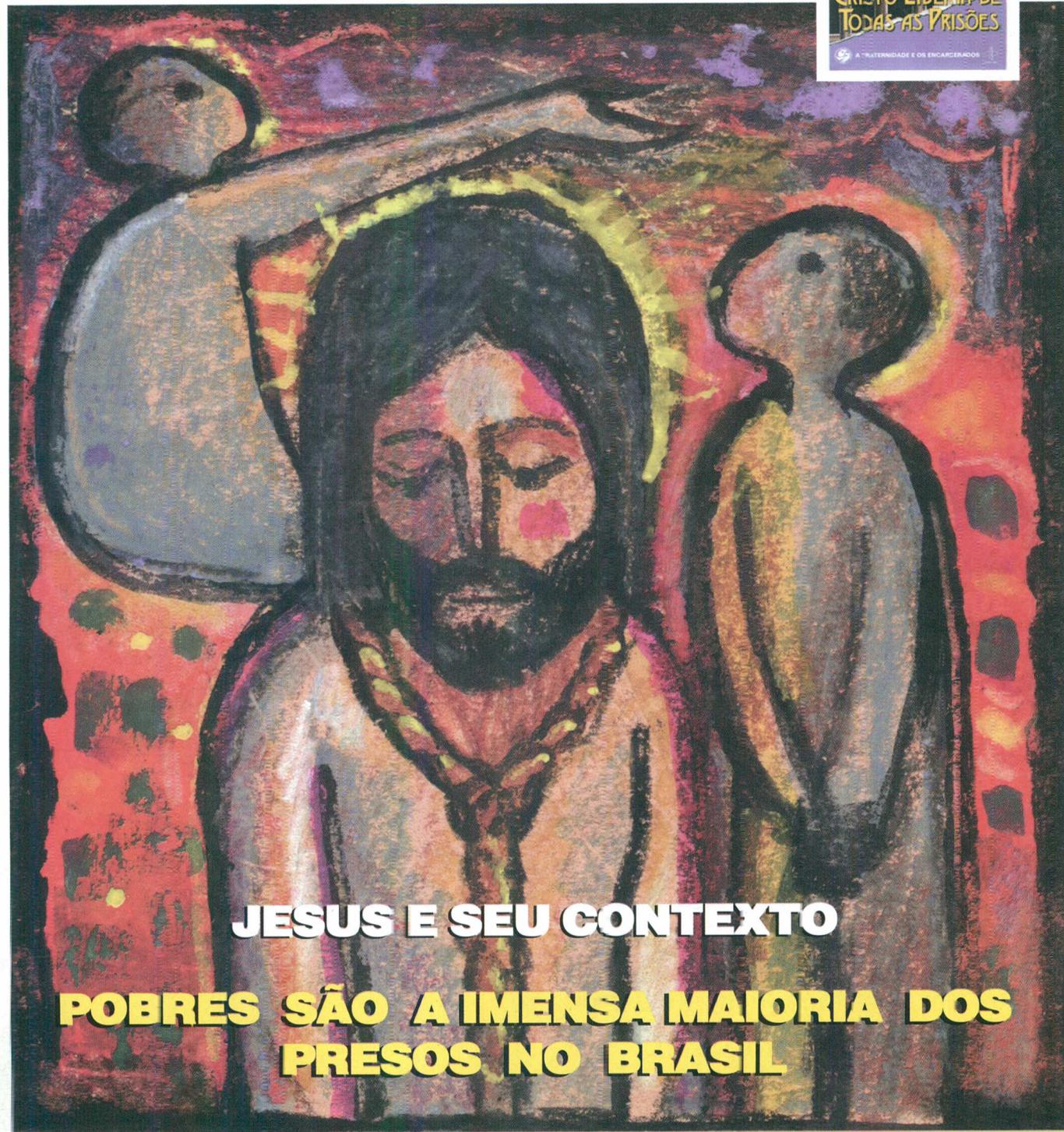
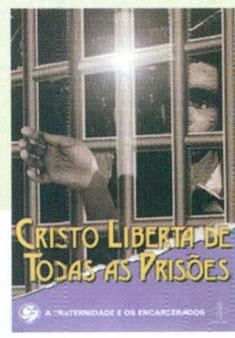


AMI

AVE-MARIA REVISTA MENSAL — ANO XCVII
Nº 2 fevereiro 1997 R\$ 2,50

CRISTO LIBERTA DE TODAS AS PRISÕES - CF'97



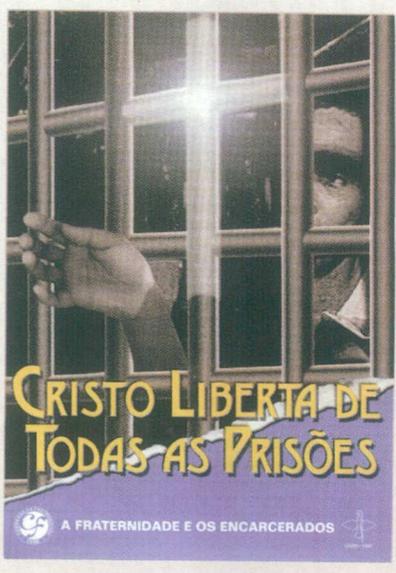
JESUS E SEU CONTEXTO

**POBRES SÃO A IMENSA MAIORIA DOS
PRESOS NO BRASIL**

Cristo liberta de todas as prisões

Oração da Campanha da Fraternidade - 97

Pai, aceitai nosso louvor
por vossa infinita clemência e misericórdia.
Confiantes, vos pedimos: dai-nos coração novo,
capaz de amar, de perdoar!



Vosso filho bendito e nosso irmão Jesus
esteve preso, foi torturado e morto,
mas ressuscitou para nos dar vida.

Eles nos liberta de todas as prisões!
Olhai para nossos irmãos encarcerados,
para suas famílias!
Enxugai as lágrimas,
saraí as feridas
das inúmeras vítimas das violências!

Livrai-nos de todo sentimento de ódio e de vingança.
Envolvei-nos em vossa misericórdia
e transformai tantas mortes, sofrimentos,
em sementeiras de vida nova,
de vida fraterna para todos!
Nós vos pedimos Jesus Ressuscitado,
no amor do Espírito Santo.
Amém.

4. **A IGREJA NO MUNDO**
6. **A PALAVRA DO PAPA**
Oferece o Perdão, recebe a paz
8. **Cristo liberta de todas as prisões**
C.F. 97
10. **Pobres são a imensa maioria dos presos no Brasil**
Jaime Kaster
12. **Jesus em seu contexto**
Frei Betto
14. **O terceiro milênio**
João Batista Libânio
15. **O QUE SUA IGREJA NÃO TEM...**
A igreja ao gosto do freguês
Isidoro de Nadai
15. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
A igreja ao gosto do freguês
Roque Vicente Beraldi
16. **SANTOS - TESTEMUNHO DE VIDA CRISTÃ**
São Policarpo
Bernadete Soubirous
Ronaldo Mazula
18. **Dever do cristão: Falar para o bem**
Francisco Gomes de Matos
20. **ALCOOLISMO**
A batalha de bebidas
Donald Lazo
21. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Ciúme, razão, sentimento ou emoção
Wimer Bottura Jr.
23. **CULINÁRIA**
Paulina Alzamora L. Juliani
25. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 23 Fev. a 16 de mar.
31. **RELENDO A BÍBLIA**
Fraternidade e encarcerado
Norma Termignon
32. **DIVERTIMENTOS**
34. **PARA REZAR BEM OS SALMOS**
Convite ao louvor universal
Pe. José Fonzar, cmf

Sem limites

Estamos às vésperas do ano dois mil. A tecnologia evolui a tal ponto que hoje pode-se, pela Internet, acessar sem limites qualquer informação em qualquer parte do mundo instantaneamente. Pena que as ciências sociais e políticas ainda não conseguiram evoluir de tal forma que também possam aplicar soluções mais democráticas e mais humanas às questões sociais, já aplicáveis em países mais evoluídos do mundo.

A Campanha da Fraternidade deste ano vai refletir na perspectiva da fraternidade sobre o tema "Os Encarcerados". Entende a Igreja que a verdadeira quaresma provoca uma ação concreta de conversão. Isto é, conduz o cristão a, mais do que conhecer dados e atos sobre os encarcerados, comprometer-se a fazer algo para recuperar a sua dignidade. Mais do que sentimentos de compaixão, a quaresma pretende, com a CF, convocar os cristãos e os homens e mulheres de boa vontade a colaborarem para que os presídios sejam estruturados dentro do Direito e da Justiça e com isso deixem de ser abomináveis depósitos de pessoas condenadas, mas passem a ser espaços para a reeducação. O amor cristão só tem limites se estes forem impostos por Deus.

Neste número a revista Ave-Maria procura tratar deste tema, apesar da complexidade do mesmo, ciente de que sem uma séria reflexão e um sério diálogo sobre os Direitos Humanos, a vivência da cidadania poderá ser sufocada, subjugada a intenções excusas de egoísmo, vaidade, orgulho e vingança.

A palavra do Papa reflete sobre a paz como fruto do perdão. Perdão como processo de reconstrução da paz e reconquista do ser humano. A paixão de Cristo "para que ninguém se perca" é o exemplo maior.

O tema da CF "Cristo liberta de todas as prisões" (p. 8) convida-nos a ver, julgar e agir com olhos, mente e gestos puramente cristãos.

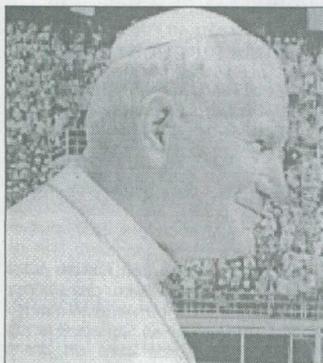
Em "Pobres são a imensa maioria dos presos no Brasil" (p. 6), Jaime Kaster faz uma análise da "política" carcerária e escancara com números as ignominiosas injustiças que a "justiça carcerária" faz e mantém no Brasil.

Para se entender melhor porque existem injustiças é preciso não ter medo da verdade e aprofundar o conhecimento dela. Jesus Cristo sabia muito bem quais as causas que oprimiam os pobres e tirava-lhes a liberdade plena de viver. Em "Jesus em seu contexto" (p.12), Frei Betto esclarece os fatos históricos, políticos, econômicos e sociais que cercaram a vida de Jesus e o porquê dele ter se tornado um preso político.

A CF/97 vê nos prisioneiros, como contextualiza a Bíblia, também o excluído e o pobre, ou seja, todo aquele que não tem lugar numa sociedade cujos pré-requisitos para entrar e permanecer nela já são previamente retirados a um terço da população.

A fé cristã nos faz ver nos ensinamentos bíblicos que Deus olha com amor sem limites o seu povo, porque este era, e agora é, um povo espoliado, roubado e encarcerado (cf. Is 22,42 e 42,6-7) e cujo Espírito urge e impele "a proclamar a libertação dos escravos e pôr em liberdade os prisioneiros" (Is 61,1-2). Só este é o verdadeiro Deus da Vida.

Papa visitará Cuba em 98



O anúncio foi feito pelo porta-voz da Santa Sé, Joaquim Navarro Valls, no dia quatro último. O jornal oficial do regime cubano "Granma" publicou matéria afirmando que "Nosso país receberá João Paulo II com toda a consideração e o respeito que merece o Sumo Pontífice da Igreja Católica e soberano do Estado da Cidade do Vaticano, com quem Cuba mantém relações diplomáticas ininterruptas desde 1935".

IXº Intereclesial de CEBS:

Segundo o jornal "A Caminho", do 9º Intereclesial de CEBS, as comunidades do Maranhão estão esperando cerca de três mil participantes para o 9º Intereclesial, que se realizará em São Luís, de 15 a 19 de julho deste ano. Cerca de

2.400 participantes representam as comunidades existentes em nosso País e os demais são convidados de outros diversos países, especialmente da América Latina, bem como Bispos, assessores e indígenas.

Haverá cerca de 200 pessoas prestando serviços especiais, como motoristas, artistas. A abertura do encontro será na praça principal da cidade de São Luís, no dia 15, à noite, com uma celebração festiva.

V Centenário do Catolicismo em Moçambique

A Conferência Episcopal de Moçambique anunciou no dia 8 de dezembro passado o V Centenário do Catolicismo em Moçambique. Em comunicado às Comunidade Cristãs, após uma saudação, os Bispos lembraram a graça do V Centenário e convidaram as comunidades a participarem das celebrações, com Maria, Mãe de Jesus e padroeira de Moçambique. Concluíram a carta lembrando: "O prelúdio da história Cristã, a abertura dos homens e mulheres ao Evangelho, a fundação da Igreja que está em Moçambique não parará jamais. Que a celebração seja, para nós, um estímulo para imprimir novo vigor à nossa evangelização. Deste

modo, virão juntar-se a nós aqueles que ainda não conhecem a Cristo e conosco e com Maria, Mãe de Jesus, também eles cantarão as maravilhas de Deus".

Massacre Yanomami

O Juiz Federal Itagiba Catta Pretta, de Boa Vista (RO), condenou cinco garimpeiros pelo crime de genocídio pelo assassinato de 12 índios yanomamis, em agosto de 1993. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a sentença foi proferida no dia 19 de dezembro último. As penas deverão ser cumpridas em regime fechado. Segundo o CIMI, "a condenação dos culpados pelo massacre dos yanomamis aconteceu três anos e quatro meses após a ocorrência do crime que chocou a opinião pública nacional e internacional". Informa ainda o CIMI que "durante o processo, duas pessoas foram presas e logo colocadas em liberdade. Houve contestações quanto à apuração do crime por autoridades brasileiras, já que os garimpeiros afirmavam que o crime teria ocorrido fora do Brasil, no lado venezuelano. O Juiz Federal argumenta, entretanto, que o código penal brasileiro é claro ao afirmar que "o genocídio, em qualquer parte do mundo, cometido por brasileiros fica sujeito à lei brasileira". "Por isso, conclui o CIMI, a con-

denação dos cinco acusados pelo massacre de 1993 é exemplar e representa um passo decisivo no sentido de buscar-se justiça aos povos indígenas no País".

Paróquia organiza mutirão de casas populares

O Conselho de Serviços Fraternos (CSF) da Paróquia de Caningé, no Ceará, está contribuindo para diminuir o número de famílias sem-teto na cidade.

Desde o ano passado, o CSF coordena o mutirão de construção de casas em terrenos doados pela Paróquia. Foram entregues 25 casas e estão em fase de conclusão mais 43. No final de dezembro de 96, aconteceu a bênção das casas e reunião para o sorteio dos imóveis entre os que trabalharam desde o início no mutirão. O CSF é formado por membros das pastorais: da juventude, da Família, da Saúde e Sociais existentes em cada bairro.

Curso para agentes educacionais

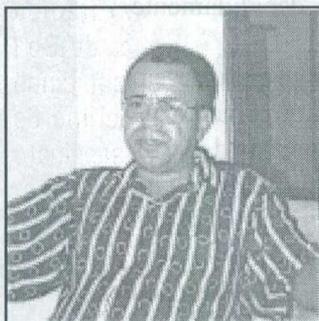
A Pastoral do Menor do Brasil, em parceria com a Pontifícia Universi-

dade Católica de São Paulo e a Fundação Universitária Luís Amigo, Colômbia, promoverão em fevereiro e março de 97, em São Paulo, curso para Agentes Educacionais que atuam com Adolescentes e Jovens em conflito com a lei, com a família ou com a sociedade.

O curso será de extensão universitária, em vista da "formação na ação", para orientar a prática desenvolvida pelos agentes educacionais. Além de seminários e painéis, haverá outras modalidades de sensibilização e assimilação da proposta por parte dos responsáveis pelas respectivas unidades educacionais, bem como por parte de todo o sistema de administração da Justiça. Assim será possível, gradativamente, atingir a Polícia Civil e Militar, o Judiciário e o Ministério Público, bem como os Defensores Públicos na área da Infância e da Juventude. A proposta do curso vai de encontro à necessidade de uma prática especializada nesta área, pois nas situações de conflitos entre adolescentes e a

lei, a prática continua sendo repressiva e condenatória.

O preço da Independência e da coerência



O Pe. Luiz Rodrigues Oliveira, 48 anos, nascido em São Gonçalo dos Campos, Bahia, é vigário da Paróquia da cidade de Conceição de Coité — 35 mil eleitores — que pertence a Diocese de Feira de Santana, professor de Antropologia na Universidade Católica e Diretor e fundador do Centro de Ensino Superior de Coité está sendo processado por queixa

crime (processo Nº 438/96). O mandado de intimação é da Juíza da Vara Criminal Maria Verônica Moreira Ramiro Furtado em que os Vereadores do PPB da Bahia Adauto Ferreira Mota e Aldomir Mota Mascarenhas convocaram. A acusação se baseia em frases, fora do contexto, tiradas de uma reflexão feita na celebração da missa transmitida pelas Rádio e TV locais no dia 6 de outubro passado sobre os "vinhateiros homicidas", parodiando às forças políticas locais com relação a sua pessoa.

Uma primeira audiência na tentativa de reconciliação ocorreu no dia 7 de janeiro de 97 às 15h30 no Fórum da mesma cidade. Nesta audiência não se chegou a nenhum acerto e houve uma grande concentração de paroquianos e padres da região em frente ao Fórum rezando e cantando em solidariedade ao Pe. Luiz, até que se finalizasse a audiência por volta 18 horas. Nova audiência foi marcada para o dia 15, e ainda assim não se chegou a um acordo, ou seja, a retratação pública

por parte do padre, que segundo os vereadores ofendeu a honra dos "cidadãos ilustres" da cidade. A partir daí se formalizou o processo em questão, Crime de Difamação e Injúria conforme a Lei.

Houve um tempo em que algumas contas da paróquia, inclusive os salários dos funcionários, eram pagas pela Prefeitura Municipal. Nessa época era natural nas cerimônias como na missa de posse do prefeito, decorar-se o altar-mor da igreja matriz com a cor e o símbolo de campanha do grupo político vencedor — invariavelmente o mesmo.

Tudo mudou com a chegada (1989) do Pe. Luiz que pôs fim à subserviência da paróquia ao poder público municipal. O compromisso com o Evangelho, a verdade e a justiça levou Pe. Luiz a denunciar a corrupção na Prefeitura Municipal.

Os poderosos da cidade, que jamais haviam sido questionados, reagiram com extrema violência, desencadeando uma terrível campanha de difamação do padre. Por fim, esse processo arbitrário.

AM (AVE-MARIA)

É uma publicação da Editora Ave-Maria. (CGC 60.543.279/0016-68) Propriedade da **Congregação dos Missionários Claretianos**. Fundada em 28 de maio de 1898. Registrado no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTB nº 14.696) Administração: Hely Vaz Diniz; Preparação, redação, revisão e diagramação: Avelino S. de Godoy (MTB Nº 14.962) e Sílvia Bairão Leite (MTB Nº 15.720). Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129 - Caixa Postal 6226 CEP 01064 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave-Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06875-300. A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da revista **Ave-Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Preços: Assinatura - R\$ 20,00. Número avulso - R\$ 2,50

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às Senhoras e aos Senhores Assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave-Maria a todos os seus representantes legais.

A SEGUIR ANUNCIAMOS A LISTA DOS NOSSOS COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Greggianin (RS); Vania Salete Marca (PR); Arnaldo Oliveira Reis (SP) Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); Benedito Brancati (SP); Pe. Pedro Jordá; Fábio André Dias; Maria Cristina Almeida Prado, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Oferece o perdão, recebe a paz

Mensagem de João Paulo II pela celebração do dia mundial da paz, 1º de janeiro. (Continuação)

O peso da história

A dificuldade do perdão não depende só dos acontecimentos atuais. A história carrega consigo um pesado fardo de violências e conflitos, de que não é fácil desembaraçar-se. Prepotências, opressões, guerras fizeram sofrer inumeráveis seres humanos, e, ainda que as causas desses fenômenos dolorosos se percam em tempos remotos, os seus efeitos permanecem vivos e dilacerantes.

Os indivíduos e os povos tem necessidade de uma espécie de “purificação da memória”, a fim de que os males de ontem não voltem a repetir-se. Não se trata de esquecer o sucedido, mas de o reler com sentimentos novos, aprendendo precisamente das experiências sofridas que só o amor constrói, enquanto o ódio produz devastação e ruínas. É preciso substituir a repetitividade sufocante da vingança pela novidade libertadora do perdão.

Uma leitura correta da história favorecerá a aceitação e a estima das diferenças — sociais, culturais e religiosas — existentes entre pessoas, grupos e povos. Este é o primeiro passo para a reconciliação.

Mecanismos concretos de reconciliação

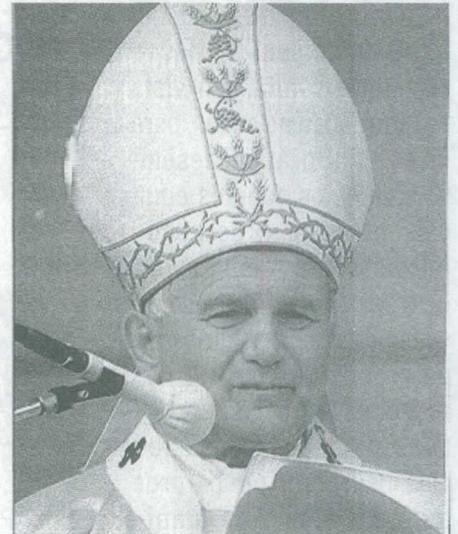
Mesmo quando as guerras “resolvem” os problemas que lhes deram origem, só o conseguem fazer deixando atrás delas vítimas e

destruições, sobre posteriores conversações de paz. Esta certeza deve impelir os povos, as nações e os Estados a superarem decididamente a “cultura da guerra”.

Antes ainda, é preciso que o desejo sincero da paz se traduza na firme decisão de remover todos os obstáculos que impedem a sua obtenção. Neste esforço, as várias Religiões podem oferecer importante contribuição. A Organização das Nações Unidas (ONU) tem contribuído. Outros organismos em nível continental ou regional assumem grande importância como instrumentos de promoção da paz, ajudando nações divididas pela guerra a reencontrarem as razões de uma convivência pacífica e solidária. São formas de mediação que dão esperança a povos que vivem situações aparentemente sem saída. Não se deve, pois, subestimar a ação dos organismos locais: inseridos nos ambientes onde são semeados os germens do conflito, podem contactar de forma direta os indivíduos, servindo de mediadores entre as facções opostas e promovendo a confiança recíproca.

Pedir e conceder o perdão é uma estrada profundamente digna do homem: por vezes, é a única estrada para sair de situações marcadas por ódios antigos e violentos.

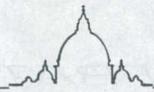
É certo que o perdão não é algo de espontâneo e natural no Homem. Perdoar do fundo do coração pode, às vezes, revelar-se até heróico. A dor pela perda de um filho, de um irmão, dos próprios pais ou de toda a família,



causada pela guerra, pelo terrorismo ou por ações criminosas, pode impelir a pessoa a isolar-se totalmente do outro. Aqueles que ficaram sem nada, porque foram privados da terra, da casa, suportaram o ultraje da violência, não podem deixar de sentir a tentação do ódio e da vingança. Só o calor de relações humanas impregnadas de respeito, compreensão, acolhimento, pode ajudá-los a superar tais sentimentos. A experiência libertadora do perdão, embora cheia de dificuldades, pode também ser vivida por um coração dilacerado, graças ao poder regenerador do amor, que tem a sua nascente primeira em Deus-Amor.

Verdade e justiça, pressupostos do perdão.

O perdão, na sua forma mais autêntica e elevada, é um ato de amor



gratuito. Mas, precisamente enquanto ato de amor, ele tem também as suas exigências intrínsecas: a primeira delas é o respeito à verdade. Só Deus é verdade absoluta. Todavia, Ele deixou o coração humano aberto ao desejo da verdade, que depois revelou em plenitude no Filho encarnado.

O perdão, longe de excluir a busca da verdade, exige-a. O mal feito deve ser reconhecido e, na medida do possível, reparado.

Outro pressuposto essencial do perdão e da reconciliação é a justiça, que tem o seu critério último na lei de Deus e no seu desígnio de amor e de misericórdia sobre a humanidade. Assim entendida, a justiça não se limita a estipular o que é reto entre as partes em conflito, mas visa sobretudo restabelecer relações autênticas com Deus, com nós mesmos, com os outros. Não existe, portanto, qualquer contradição entre perdão e justiça.

Jesus Cristo, nossa reconciliação

O amor divino é o fundamento da reconciliação, a que somos chamados. “É Ele quem perdoa as tuas culpas, e sara todas as tuas enfermidades(...). Não nos tratou segundo os nossos pecados; nem nos castigou segundo as nossas culpas” (Sl 103/102,3-4.10).

Na sua benigna propensão ao perdão, Deus chegou ao ponto de dar a Si próprio ao mundo na pessoa do Filho, que veio trazer a redenção a cada indivíduo e à humanidade inteira. Face às ofensas dos homens, que culminaram na sua condenação à morte de cruz, Jesus reza: “Perdoai-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34).

O perdão de Deus é expressão da sua ternura de Pai. Na parábola evangélica do “filho pródigo” (Lc 15,11-32) o pai corre ao encontro do

filho, logo que o vê chegar a casa. Não lhe deixa sequer pedir desculpa: tudo está perdoado (Lc 15,20-22).

Ao longo da sua vida, Jesus proclamou sempre o perdão de Deus, mas simultaneamente indicou a exigência do perdão recíproco como condição para o obter. No “Pai nosso”, ensinou-nos a rezar assim: “Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. (Mt 6,12).

Ao serviço da reconciliação

Jesus não se limitou a ensinar aos seus discípulos o dever do perdão, mas quis que a sua Igreja fosse o sinal e o instrumento do seu desígnio de reconciliação, tornando-a sacramento “da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”. Por causa desta missão, Paulo designa o ministério apostólico como “ministério da reconciliação” (2Cor 5,18; cf. 5,18-20).

No mês de Junho, as Igrejas da Europa vão realizar em Graz a segunda Assembléia Ecumênica Européia, sob o tema “Reconciliação, dom de Deus e fonte de vida nova”. Como preparação para esse encontro, os Presidentes da Conferência das Igrejas da Europa e do Conselho das Conferências Episcopais Europeias emanaram uma mensagem comum, pedindo um renovado empenho a favor da reconciliação. Algumas das múltiplas tarefas que esperam as Comunidades Eclesiais: a busca de uma unidade mais visível e o empenho pela reconciliação dos povos. A oração dos cristãos venha apoiar e promover gestos concretos de conciliação em todo o continente europeu, abrindo igualmente a estrada para análogos esforços noutros continentes. #

João Paulo II

JOVEM

você que está em busca de um mundo melhor, mais justo, onde todos se sintam bem, venha partilhar a aventura de ser Missionário Claretiano.



Ser Missionário é ...

viver a alegria da doação total.

Os trabalhos são diversos:

- Missão
- Serviço Paroquial
- Educação
- Meios de Comunicação Social

Solicite informações:

SECRETARIADO VOCACIONAL

Cx. P. 6226 - São Paulo, SP - CEP 01 064-970 — Cx. P. 136 - Rio Claro, SP - CEP 13 500-970 — Cx. P. 04 - Batatais, SP - CEP 14 300-970 — Cx. P. 115 - Pouso Alegre, MG - CEP 37 550-970

**MISSIONÁRIO
CLARETIANO**

Cristo liberta de todas as

A Fraternidade e os Encarcerados

A partir da meditação sobre a vida de Cristo e da celebração dos seus mistérios, a Igreja convoca os católicos a refletirem, a converterem-se e a comprometerem-se a levar à prática as conseqüências da vida cristã. Cada ano é escolhido um assunto relevante da convivência humana, que interpela a consciência das pessoas e exige conversão profunda e respostas corajosas da sociedade. Este tema é desenvolvido na Campanha da Fraternidade (CF), através da ação e da conscientização da importância deste assunto para todos. Em alguns casos, a CF resultou no fortalecimento de estruturas permanentes de serviço, em nível nacional ou local, como é o caso das Pastorais da Saúde, do Menor, da Criança, do Migrante, do Negro e da Política.

O Tema e o Lema

Com o tema "A Fraternidade e os Encarcerados" e o lema "Cristo liberta de todas as prisões", a Igreja no Brasil se volta audaciosamente para uma das mais graves feridas de nossa sociedade: os problemas dos encarcerados e tudo quanto a eles está relacionado. Os encarcerados são símbolo, resultado e agentes de uma sociedade carregada de "prisões" e "cadeias".

O assunto está em seqüência com as CFs anteriores. Os encarcerados são os excluídos (CF-95) e sobre eles têm grande influência as estruturas jurídicas, policiais, políticas e sociais do nosso País (CF-96). São muitas as prisões que nos oprimem e da qual Cristo nos liberta. Todos precisamos de libertação, de cura, de recon-

ciliação: os presos e as vítimas, as pessoas individuais e a sociedade toda.

Por isso, a Igreja se posiciona frente a todas as cadeias e prisões que oprimem e causam sofrimento aos seres humanos (a doença, a miséria, a pobreza, a falta de esperança, a deturpação da sexualidade, o egoísmo, a avareza, a mentira, a injustiça, a corrupção, o desrespeito pela vida, os preconceitos étnicos e raciais).

Às vezes, os mesmos Meios de Comunicação Social (MCS) que veiculam amplamente a violência, exibem as reações de vítimas e de seus familiares e fazem apelos insistentes aos sentimentos, difundindo a serenidade necessária para refletir e perdoar.

Os fatos violentos mexem com sentimentos profundos do ser humano, como o medo e o desejo de vingança, e despertam atitudes carregadas de emotividade, que vão da indiferença e da rejeição até a misericórdia e a compaixão. É muito fácil ceder ao medo ou deixar-se levar por preconceitos. É fácil confundir justiça com dureza ou com a necessária proteção da sociedade.

Algumas religiões e filosofias de vida afirmam que o pecado não existe, nem a culpa, e, com isso, não há necessidade de perdão. Tentam explicar que a violência se deve à influência de espíritos e de astros ou a condicionamentos psicológicos ou sociais, até o ponto de negar a liberdade.

Por que a Igreja entra neste assunto?

Por muitas razões. Uma primeira é que existem aí muitos conflitos que precisam ser iluminados com a luz do

Evangelho. A Igreja quer colocar-se a serviço da sociedade e ajudar a aprimorar a convivência humana.

É preciso ajudar as vítimas de qualquer tipo de violência. Elas precisam sentir que são acolhidas pela comunidade e acompanhadas nos seus sofrimentos. Precisam sentir a solidariedade dos irmãos: recuperar-se dos traumas e feridas que tenham sofrido, recuperar a alegria e em suma, retomar o caminho da conversão, da realização pessoal e da felicidade. Para tanto é preciso o maior esforço possível neste sentido e, com muito jeito e ternura, ajudar as vítimas, e seus familiares, a perdoar, como sinal de renovação do próprio coração, e a perceber as possibilidades que elas têm pela frente.

Perdoar não significa não punir o agressor. Toda pessoa é maior que sua culpa e devemos esperar que todos sejam recuperáveis. cremos com Jesus, que não se corrige a violência com outra violência e cremos também que detestar o pecado não inclui abandonar o pecador. cremos que se supera a violência com o amor, a bondade e o perdão.

A Igreja precisa também reconhecer sua culpa e pedir perdão, porque às vezes aceitou os preconceitos, e direta ou indiretamente, justificou ações desmedidas de órgãos de repressão.

A razão mais forte para a misericórdia e o perdão é que a Igreja procura continuar a missão de Jesus. Ele veio para perdoar, curar, reconciliar e não para acusar, julgar ou condenar. Ele veio para libertar: "...Enviou-me para anunciar aos presos a libertação...". Jesus se

prisões

identifica com os encarcerados: “Estive preso e me visitaste”. Ele nos manda: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. Antes de morrer, Ele pediu perdão para os seus agressores. Diante da violência e de todo pecado, a resposta de Deus é o perdão.

Objetivos da C. F. sobre os encarcerados

Despertar a sensibilidade e a solidariedade dos cristãos, e de todos os homens e das mulheres de boa vontade para com as vítimas e para com os encarcerados, ajudando-os a perceberem a realidade carcerária no Brasil e a se comprometerem na realização das mudanças necessárias.

Participar ativamente no processo de mudança da sociedade toda para superar os preconceitos, aprimorar a educação e fiscalizar a aplicação das leis. Queremos que não haja vítimas. E quando infelizmente acontecerem agressões, queremos ajudar as vítimas com gestos concretos de solidariedade e fraternidade para que consigam apagar das suas vidas à medida do possível, todas as consequências das agressões para que recuperem o caminho da própria realização e felicidade; voltem a participar amplamente da vida comunitária; e também perdoem, apagando do seu coração até o último traço da agressão. Não sejam manipulados os sentimentos das vítimas e de seus familiares.

A indiferença

A indiferença é uma prisão a que



nos condenamos, como lembra o dramaturgo Bertolt Brecht (1898-1956), que viveu duas grandes guerras, inclusive o período nazista da Alemanha:

“Primeiro levaram os comunistas, mas eu não me importei com isso. Eu não sou comunista.

Em seguida levaram alguns operários, mas eu também não me importei com isso.



Eu também não era operário.

Depois prenderam os sindicalistas, mas eu não me importei com isso.

Eu não sou sindicalista.

Depois agarraram os sacerdotes, mas como não sou religioso, também não me importei.

Agora estão me levando, mas já é tarde.”

Existe quem argumente sem misericórdia, com indiferença e até com certa raiva, dizendo frases do tipo: “Se foram presos é porque não prestam mesmo. Vivem melhor do que merecem”.

A questão de saber quem “merece” mais (o mito do mérito) no mundo em que vivemos, pode ser muito mal colocada. Diz-se por exemplo que alguém “tem mérito” porque estudou, tem muitos diplomas, exerce um cargo importante. Enquanto isso, ficam “sem mérito” as milhares de crianças que trabalham desde cedo para ajudar no sustento até dos adultos da casa. Existe também a tendência de transformar em classificação moral (boa, má, preguiçosa, violenta...) uma situação de exclusão social. Não se percebe que o que denominamos “mérito” é, na maioria das vezes, fruto de condições facilitadas de vida desde o começo.

A sociedade violenta dificulta a percepção de que, para ser titular de um direito humano, a única exigência é ser humano. Também não se percebe com clareza, que quando se despreza o direito de qualquer pessoa a inviolabilidade da vida humana de todos é posta em perigo. #

(Continua no próximo número)

Extraído do livro texto base da Campanha da Fraternidade.

Pobres são a imensa maioria dos presos no Brasil

Segundo o Censo Penitenciário de 1996, o Brasil tem 148.760 presos, muitos vivendo em condições sub-humanas e em presídios superlotados.

Jaime Kaster

A Campanha da Fraternidade deste ano tratará da questão dos encarcerados, que não são apenas aqueles que vivem detrás de grades de ferro, mas também aqueles que vivem nas prisões da vida moderna: o egoísmo, o individualismo, o desamor, o dinheiro, entre outras. Com o tema "A Fraternidade e os Encarcerados" e o lema "Cristo liberta de todas as prisões", a Igreja do Brasil convoca os cristãos a refletirem sobre um dos maiores problemas sociais da atualidade — as cadeias superlotadas e a recuperação daqueles que cometeram crimes —, e também a nos posicionarmos no caminho do perdão, do amor, da justiça e do serviço aos outros.

O tema retoma a promoção dos Direitos Civis e Humanos, inseridos na linha do serviço, sobretudo aos mais pobres e se baseia na fé em Jesus Cristo, que iguala a todos na mesma dignidade e vocação divina. Este tema convida-nos ainda a contribuirmos na construção de uma sociedade justa, através da nossa atuação na organização política, social e econômica do Brasil para que o nosso País torne-se menos desigual e deixe de ter apenas pobres em suas penitenciárias e cadeias públicas. Afinal, o delito cometido por um ser humano pobre que está atrás das grades é, na maioria das vezes, menor do que o de um criminoso de "colarinho branco" que conseguiu



escapar da cadeia por astúcia de seus advogados ou por omissão do Poder Judiciário.

PC: "Colarinho Branco"

Um dos únicos bandidos de "colarinho branco" que se tem notícia de ter ido para a cadeia no Brasil foi o empresário Paulo César Farias, o PC, mentor da campanha que levou Collor de Mello à presidência em 1989. PC poderia, mas não chegou a entregar muitos outros que foram beneficiados pelo seu esquema, especialmente o ex-presidente, afastado por corrupção, e que embolsou milhões de dólares dos contribuintes brasileiros e está gastando paulatinamente o dinheiro em Miami, nos Estados Unidos. PC morreu assassinado e consigo foram

sepultadas declarações que poderiam incriminar vários ladrões engomados, desviadores de dinheiro público até falsários.

O Censo Penitenciário Nacional, divulgado em novembro de 94 pelo Ministério da Justiça apontava que eram maioria nas cadeias os presos por furto (15,69%), roubo simples (20,97%) e homicídio simples (15,19%); mas eram minoria insignificante os presos por crimes contra a saúde pública (0,008%), corrupção ativa (0,04%) e sonegação fiscal (0,004%). Entretanto, todos sabem que um médico irresponsável mata mais pacientes por negligência do que uma pessoa que comete assassinato. Todos sabemos também que um deputado corrupto ou um diretor de órgão público rouba muito mais dinheiro que um ladrãozinho comum, ou ainda que um empresário que sonega impostos rouba muito mais do que um indivíduo que comete um furto. E daí fica a pergunta: Porque o primeiro se livra e o segundo é preso?

Pobres e negros

As respostas são várias, mas a que resume todas talvez seja esta: a pessoa que comete o crime maior não vai presa porque a justiça dos homens não é a Justiça de Deus. A dos homens é

uma (in) justiça que se escamoteia e se vende como um publicitário que vende a sua alma e seus ideais em época de campanha política. E é este sofrimento e esta injustiça que a Igreja quer diminuir, através da maior conscientização dos agentes e da sociedade, e de uma ação fraterna em favor da igualdade entre os seres humanos.

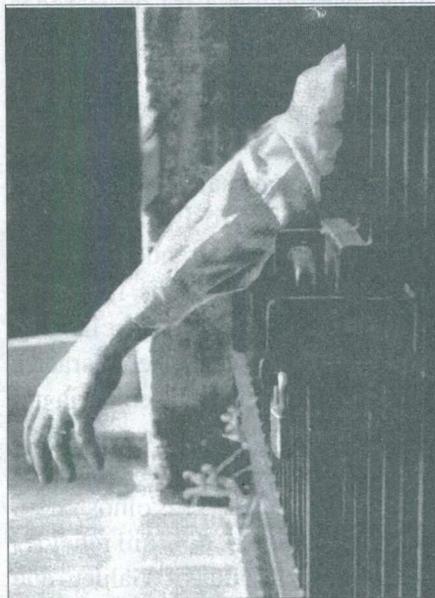
O mesmo Censo Penitenciário de 94 confirma uma tese do jurista Heleno Fragoso, já falecido, de que a Justiça no Brasil se destina a “três pês”: “pobre, preto e prostituta”. O primeiro “p” se confirma pela informação de que 95% dos presos são pobres (pessoas com renda familiar menor que três salários mínimos), 12,3% são analfabetos e 54,63% têm apenas o 1º grau incompleto. Só 0,74% deles possuem curso superior. O segundo “p” também está atrás das grades, se formos considerar que 42,5% dos detentos são negros ou mulatos e 44,6% são brancos. Afinal, a proporção de brancos na nossa sociedade é muito maior que a de morenos e também deveria ser maior no *xilindró*, o que não acontece.

275 mil estão soltos

O Censo de 94 informava que na época havia no Brasil 129.169 presos e mais 275.000 mandados de prisão expedidos pela Justiça e não cumpridos. Se a superlotação já é o maior drama do sistema penitenciário, imagine se fossem presos também de uma só vez estes 275.000 que estão soltos. É uma questão para se pensar. Hoje, o número oficial de encarcerados é maior que em 1994 e está em 148.760 detentos de acordo com o Censo concluído em outubro de 96. Destes, 81.398 detentos estão em locais ainda não informados pelos governos estaduais. Estes 148 mil

dividem um espaço que daria para apenas 54.954 vagas, o que significa, em média 2,74 presos por vaga.

Segundo o diretor do Departamento de Assuntos Penitenciários do Ministério da Justiça, Paulo Tonet, há um déficit de vagas que chega a 40% do total dos presos. Para amenizar a situação, o governo federal planeja construir 40



penitenciárias pelo País, com um investimento de R\$ 150 milhões. Atualmente, o governo gasta por mês 70 milhões de reais para manter em funcionamento os presídios brasileiros. O custo mensal de cada preso é de 400,00 reais e existe uma média de um funcionário para cada 15 presos. Fica outra pergunta: Não seria melhor investir em educação parte dos 150 milhões de reais que serão destinados à construção de cadeias? Assim, no futuro, teríamos menos criminosos e mais cidadãos.

Superlotação, doenças e rebeliões

É esta situação de superlotação que gera o aumento de doenças

(especialmente a Aids) e a promiscuidade entre os detentos, e que gera também a reincidência deles em crimes quando saem, já que não têm espaço para aprender nada de útil na cadeia. A superlotação dá origem também às fugas e rebeliões repetitivas, tanto em delegacias quanto em presídios, criando fenômenos de atração da opinião pública como o goiano, Leonardo Pareja, 22 anos. Pareja comandou a mais longa rebelião ocorrida no Brasil, na penitenciária de Aparecida de Goiânia (GO), em abril do ano passado.

Essa é a mesma superlotação que obriga ainda muitos detentos a dormirem em pé em diversos distritos policiais. São os chamados “morcegos”, que amarram-se às grades para dormir, já que não têm como deitar (cf. Texto Base da CF’97, CNBB). Isto ocorre em cadeias como a de Barueri (SP), onde foram vistos numa ocasião, em 1995, 130 presos em três celas coletivas, quando cada uma deveria abrigar apenas oito detentos. Esta superlotação gera ainda tragédias como a rebelião que resultou na morte sumária de 111 presos na Casa de Detenção de São Paulo, o maior presídio da América Latina, em 1992.

E a Justiça tarda, como tarda. Conforme editorial da Folha de S. Paulo de 8 de outubro de 95, três anos após o incidente na Casa de Detenção, “um processo de 70 volumes ainda se arrasta pela Justiça Militar, na busca de culpados entre os 350 desarmados policiais que invadiram a penitenciária e massacraram 111 presos”. O texto prossegue: “Por maiores que devam ser os cuidados processuais, nada justifica que a Justiça Militar não disponha de um parecer minimamente conclusivo que permita uma identificação dos responsáveis e a aplicação das devidas penalidades”. #

Jaime Kaster é jornalista.

Jesus e seu contexto

Frei Betto

A Palestina do tempo de Jesus estava sujeita, em termos atuais, à globalização vigente: desde o ano 63 a.C. era dominada pelo Império Romano. As autoridades nomeadas por Roma exerciam tanto o poder político quanto o religioso. A Judéia era governada pelo procurador Pôncio Pilatos; a Galiléia, onde vivia Jesus, por Herodes Antipas; e a

Ituréia e a Tracônítide, por Filipe, que se mostrava mais preocu-

pado com suas terras que com as potenciais ameaças a César. Por isso Jesus, para evitar a ira de Herodes Antipas, passava com freqüência para o território administrado por Filipe, no qual se sentia menos visado pela repressão.

A opressão romana firmava-se na ocupação militar (o Evangelho cita centuriões e Jesus curando o filho de um deles), nos pesados impostos cobrados e na convivência dos políticos judeus. Havia em Israel a expectativa de que Deus enviaria um Messias que viria libertar a nação.

No ano 6, quando Jesus tinha cerca de 10 anos de idade, seus olhos viram um cenário trágico: dois mil rebeldes — seguidores de Judas, o Galileu, que propunha o boicote aos impostos — foram crucificados na Galiléia. O partido zelote defendia a luta armada contra os domi-

nadores

e um de seus adeptos tornou-se apóstolo de Jesus: Simão, o zelote (Lucas 6,15). Um primo de Jesus, João Batista, denunciou a corrupção dos políticos e, por isso, teve a cabeça degolada. Impactado, Jesus deu continuidade à obra que ele iniciara, anunciando um Reino que não era aquele de César, nem correspondia aos projetos das autoridades judaicas de Jerusalém. Ora, pregar um outro reino, que não o de César, era tão subversivo quanto, hoje, propor-se um projeto de sociedade alternativo ao neoliberalismo e à economia de mercado.

Para Jesus, Herodes Antipas não passava de uma “raposa”, com quem se recusou a falar quando solicitado a encontrá-lo (Lucas 13,31). Antipas esforçava-se por agradar a judeus e romanos e sua ambição era receber, de Roma, o título de rei, como seu pai, Herodes, o Grande. Bajulador, mandou construir a Brasília da época: à beira do lago de Genesaré, a cidade de Tiberíades, assim batizada em homenagem ao imperador Tibério César. Embora quase toda a atividade de Jesus, descrita pelo Evangelho, ocorra em torno do lago, não há uma única indicação de que ele tenha posto os pés na metrópole de palácios suntuosos.

Na crítica



ao poder, Jesus é explícito e propõe uma inversão: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que quiser ser grande, seja o vosso servidor, e o que quiser ser o primeiro, seja o servo de todos (Marcos 10, 41-45). Portanto, para Jesus o poder é serviço.

Enquanto as autoridades judaicas dividiam a lógica político-religiosa em o que é “puro” e o que é “impuro”, para Jesus a dialética era entre o que favorece a todos o direito à vida, dom maior de Deus, e o que sonega este direito à maioria. Por isso, para salvar a vida de um homem, não temeu precipitar no abismo uma vara de dois mil porcos (Marcos 5,1-20). Ora, lido hoje, fora do contexto, o episódio pode parecer um gesto caridoso.

Foi mais do que isso. Os demônios que saíram do homem diziam-se chamar “legião” e este era exatamente o nome das corporações militares romanas. A ocupação de Israel era assegurada pelas armas da Décima Legião acantonada em Damasco, cujo estandarte — para horror dos judeus — trazia o emblema de um porco. Além disso, aquela vara pertencia a um proprietário que não deve ter ficado muito satisfeito quando soube que Jesus, para salvar vidas humanas, não cultuava o direito à propriedade privada. Por isso, o episódio termina por informar que Jesus teve de fugir da cidade para escapar da perseguição.

Ser discípulo de Jesus é, pois, assumir seu modo ver e agir, segundo uma espiritualidade que não foge da conflitividade histórica. Ao colocar-se ao lado dos “impuros” — os pobres, os doentes, os publicanos e samaritanos — Jesus irritou as auto-



ridades judaicas. Ao recusar-se a idolatrar a política de César, bajular aqueles que governavam em seu nome e reconferir seu reino, Jesus provocou a ira dos romanos. Por isso, todos nós, cristãos, somos discípulos de um prisioneiro político, pois Jesus foi condenado à morte por dois processos de natureza política.

Sua ressurreição é o testemunho cabal de que não nos resta outra alternativa, se queremos um mundo de paz, senão priorizar o direito coletivo à vida, centrar a justiça aos pobres no

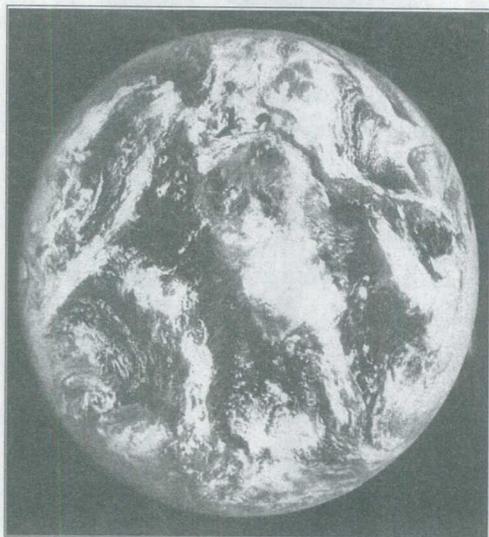
alvo de nossos projetos e fazer do amor a única bandeira, da mais íntima relação pessoal à mais abrangente proposta de relações sociais e internacionais.

Frei Betto é escritor, autor de Cotidiano & Mistério (Olho D'Água), entre outros livros.

O terceiro milênio

João Batista Libânio

Os números vistos no papel são frios e indiferentes. 1999 e 2000 tem a única diferença de uma unidade. No entanto, quando esses números se vêm transportados para o calendário dos sentimentos humanos, as afetividades se agitam. Assim, aproximamo-nos do ano 2000. Não



se trata de um ano a mais no deslizar impassível do fio da Parca. No imaginário popular, o número amedronta. “De mil passou o mundo, de dois mil não passará”. Se João XXIII já nos alertava no Discurso Inaugural do Concílio Vaticano II para os profetas do infortúnio, quanto mais hoje nas proximidades da virada do milênio pularão tais profetas a anunciar eventos catastróficos. Que há de real?

O problema não está no número do ano. A gravidade encontra-se no processo em que estamos envolvidos e nas decisões, cada vez mais rápidas e prenes de pesadas conseqüências, que estão sendo tomadas no presente.

Há certos alertas sadios. Há certos dados científicos que fazem pensar. Há simulações sérias que nos levam à reflexão e nos obrigam a tomar decisões urgentes e graves.

Já na década de 70, o Clube de Roma lançara o grito de: “Parem o crescimento!” Que crescimento? Aquele que desperdiça bens não-renováveis, aquele que produz efeitos nefastos irreversíveis na atmosfera, na biosfera, no cosmos. A cada dia, eliminam-se espécies de vida animal e vegetativa. Os custos dessa perturbação ecológica se pagam, em geral, muito mais tarde de modo que os seus principais causadores já há muito terão morrido.

O risco de irresponsabilidade ecológica é tanto maior quanto seus efeitos escapam a um controle próximo que nos afetem imediatamente e diretamente. O ser humano sofre terrivelmente da enfermidade de miopia histórica. Reage unicamente a impulsos próximos e verificáveis a curto prazo.

Os cientistas alertam-nos para o perigo atômico com essa quantidade gigantesca de artefatos nucleares explosivos armazenada em vários países. Por isso, assistimos estupefatos à decisão do governo francês de continuar suas explosões nucleares, como se nada soubéssemos dos riscos das engenhocas atômicas. Tal decisão vem de um país considerado culto, letrado, de uma das economias mais vigorosas do mundo!...

Ao lado de razões objetivas, que nos acenam para a gravidade dos anos

vindouros, com a poluição dos ares e das águas, com o barril de pólvora próximo ao fogo de nossas paixões loucas e insensatas, existe uma proliferação de credices ilusórias. Os picaretas de todos os tempos arvoram-se em leitores do futuro. Recorrem a sabedorias ancestrais, que se forjaram noutra contexto e com outras finalidades, para encherem os espaços da mídia com espetáculos deprimentes. Como anunciam fatos que, ao não se realizarem, nada implicarão para sua credibilidade, porque se perdem em horizontes longíquos ou se esvaziam na quantidade incontrolável de informações, ninguém se dará ao luxo de ir atrás da comprovação dos prognósticos fantasiosos que se fazem à base de ousadia e ignorância. Trabalho ingente que não leva a nada. Por isso, somos a cada momento inundados por vaticínios estranhos e tresloucados, sem que se precise, de modo algum, fundamentá-los.

Diante desse mar de credulidades, só restam realmente a sensatez da razão e a tranqüilidade da fé. Se a razão instrumental perdeu-se em horrores, nem por isso toda razão merece o descrédito de suas loucuras. Há uma razão sadia no ser humano que o defende das ilusões. Se a fé pode também ela desvairar-se em formas irracionais, há, porém, uma fé que resiste firme e serena a estas tentações, norteando-nos a existência. Esta razão e fé nos salvam! #

João Batista Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor na Faculdade de Teologia do CES, Belo Horizonte, MG.

Uma igreja ao gosto do freguês?!

Isidoro de Nadai

Muitas vezes, ouvimos a observação de que, se a Igreja Católica não modificar seus ensinamentos, ela irá perdendo sempre mais seguidores.

Ora, a Igreja não é uma empresa de marketing, que pode ir maquiando seus produtos ao gosto da clientela. Ela não é dona da verdade que prega. É tão somente porta voz fiel do Senhor e guardiã cuidadosa do patrimônio sagrado de doutrinas, instituições, mandamentos e sacramentos, que Cristo lhe confiou.

Esse patrimônio, que a Igreja Católica vem conservando, defendendo com a assistência do espírito Santo e até com o sangue dos seus mártires, e que vem transmitindo fielmente, a partir de Jesus Cristo, dos Apóstolos, dos Santos Padres durante 20 séculos, é que as seitas jogam fora, combatem e tudo fazem para arrancar de muitos "católicos".

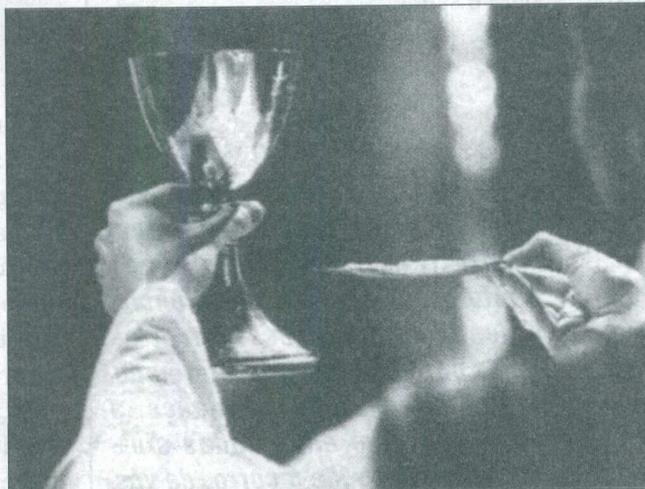
Precisamos cuidar muito melhor de nossa fé, pois Deus pedirá contas muito severas àqueles que abandonam e rejeitam ensinamentos que estão claríssimos nas Escrituras e no ensinamento constante e ininterrupto da Igreja Apostólica, à qual Jesus garantiu estar sempre presente até o fim dos tempos, para que não erre. Foi a Pedro, aos Apóstolos e a seus Sucessores — os Bispos — que Cristo conferiu o carisma de prestar o serviço de ensinar autenticamente

a doutrina integral do Evangelho (At. 15,7-11; 15,19-21; Lc 10,16).

Nessa perspectiva, vamos falar de mais uma das verdades essenciais do Evangelho, que os "evangélicos" negam e combatem.

Falo da Eucaristia, da Presença real de Cristo no Pão e no Vinho consagrados.

Se um "irmão" vier molestá-lo com críticas à sua fé, pergunte-lhe de imediato: **sua igreja tem a Eucaristia? Ela celebra a Morte e a Ressurreição de Cristo vivo e verdadeiro na Santa Missa?**



Ele, naturalmente, vai dizer que não. E aí você, com serenidade, mas também com muita segurança, lhe dirá: pois, então, sua igreja está completamente errada. Não é a Igreja fundada por Jesus Cristo, pois Ele garantiu que nos deu o pão e o vinho como seu Corpo e seu Sangue, dizendo ainda que aquele que não se alimentar do seu Corpo e não beber o seu Sangue, não entrará

no Reino de Deus (Jo 6,50-51; 6,52-58).

Quando muitos o abandonaram, exatamente por não acreditarem na Eucaristia, Jesus perguntou aos Apóstolos se eles também queriam abandoná-lo. Foi aí que Pedro, em nome de todos os que verdadeiramente acreditam em Jesus, respondeu: "A quem iremos, Senhor? Só tu tens palavras de vida eterna e nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus" (Jo 6,67-71).

Finalmente, na última Ceia, Jesus conclama: "Tomai, todos, e comei: Isto é o meu Corpo, que será dado por vós. Tomai e bebei: Este é o Cálice do meu Sangue, que será derramado por vós e por todos. Fazei isto em memória de mim" (Mt 26,26; Mc 14,22; Lc. 22,19; 1Cor 11,23s).

Se sua igreja não faz assim, não está com a verdade de Jesus.

Vá primeiro ler e meditar esses textos. Pergunte ao seu pastor por que ele diz que o pão e o vinho **representam** Jesus, quando Jesus faz questão

sempre de dizer que **são** seu Corpo e seu Sangue. Quando você tiver visto bem todas essas coisas, aí você pode vir dialogar comigo, que eu o receberei com carinho, mas não aceito que você ofenda a Igreja de Cristo, quando você não acredita em sua Palavra. #

Isidoro de Nadai é missionário claretiano.

Nossa Senhora D'Ablon

Roque Vicente Beraldi

A cidade de Ablon, França, é banhada pelo Sena. Certa vez uma imagem de Nossa Senhora foi jogada em suas águas por iconoclastas — seita que não admite a veneração de imagens, como aquele “pastor” que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Os fiéis querendo manifestar sua gratidão a Maria Mãe de Jesus, mandaram esculpir outra imagem representando Maria com a mão direita abençoando e com a esquerda afastando uma espada em chamas.

As pessoas de localidades vizinhas, imitando a piedade desta gente, passaram a visitar, também, a imagem considerada milagrosa, passando a chama-la de Nossa Senhora de Ablon.

Visível proteção

Durante a II guerra mundial, 1939 a 1945, Paris e muitas outras cidades foram muito danificadas inclusive Ablon. As pessoas ao ouvirem o alarme da presença dos aviões de bombardeio, corriam para os abrigos e aí ficavam rezando em voz alta: “Nossa Senhora d’Ablon, protegei-nos, rogai por nós!” Ninguém entre eles jamais ficou ferido.

É sob esta invocação que os fiéis suplicam à Mãe de Deus e até corre entre o povo o refrão popular: “Em Ablon, ninguém morre pelo ferro e pelo fogo”. Há também uma piedosa crença entre os seus habitantes que nesta cidade de Ablon, ninguém morre repentinamente.

Filial devoção

Seja qual título que se dê a Maria, Mãe de Jesus, é certeza de que ela não deixará desiludido a quem nela confia. Foi também o que São João Berckmans respondeu a quem lhe perguntou qual era a devoção mais agradável a Maria: “Qualquer uma, desde que seja sincera e perseverante”.

A oração de São Bernardo, continua produzindo os seus efeitos, em especial quando, por intercessão de Maria, se pede a Deus uma vida pura e santa. #

Oração

Lembrai-vos, o piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que recorreram à vossa proteção, imploraram a vossa assistência e demandaram o vosso socorro, fosse por vós preterido. Animado eu, pois, com igual confiança, a vós, ó Virgem entre todas singular, como a Mãe recorro, de vós me valho e, gemendo sob o peso de meus pecados, me prostro a vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que rogo. Amém

Roque Vicente Beraldi é missionário, Reitor de seminaristas claretianos, Pinhais Curitiba, PR.

Neste dia a Igreja Católica celebra a memória de um dos seus grandes mártires do século II: Policarpo de Esmirna. Neste período, o Cristianismo já começa a se fortalecer internamente e já vive o período das perseguições. Do século I ao IV, vários imperadores romanos tornam-se perseguidores dos cristãos: Nero, Domiciano, Trajano, Antonio Pio, Marco Aurélio, Comodo, Sétimo Severo, Décio, Valeriano e Diocleciano.

Os cristãos eram perseguidos porque não adoravam os deuses do Império, não participavam dos cultos pagãos, sendo acusados de ‘ateus’ e porque não se dobraram aos corruptos costumes e hábitos do Império Romano. Ajunte-se a isto o fato de que nos períodos de crise e difi-

No dia 11 de fevereiro celebra-se a festa de Nossa Senhora de Lourdes e, dia 18, a festa de Santa Bernadete Soubirous, a quem Nossa Senhora se dignou aparecer com o título de Imaculada Conceição. As aparições de Nossa Senhora, ocorreram em Lourdes, cidade da França, no ano de 1858, em pleno século XX, um dos séculos mais difíceis na história da Igreja de Cristo. Após a revolução francesa, ocorrida no final do século XVIII, a França e vários países tentam, a partir das idéias iluministas-racionalistas implantar uma sociedade laica, ou seja, uma sociedade que se organiza totalmente separada de qualquer ideologia religiosa. Uma sociedade que se torna indiferente e relativista em matéria religiosa. A Igreja Católica, tenta lutar, inicialmente, contra estes princípios e poste-

São Policarpo, bispo e mártir (+ 155) - 23 de fevereiro

culdades, os imperadores tentavam conciliar as forças nacionais instrumentalizando a religião por meio do fortalecimento do 'culto ao imperador'. Como os cristãos só aceitavam adorar Jesus Cristo, o Senhor, o *Dominus*, foram vistos como opositores políticos do regime e anarquistas. Logo, deviam ser punidos e exterminados.

Na perseguição de Antonino Pio morreu São Policarpo, bispo de Esmirna, cidade da Ásia Menor. Ele pertence ao grupo dos 'Padres Apostólicos', ou seja, aquele grupo de discípulos dos Apóstolos que deu continuidade à obra dos mesmos, organizando as comunidades cristãs e transmitindo, por meio de escritos, as verdades evangélicas. Foi discípulo

de São João Evangelista e amigo de Santo Inácio de Antioquia, santo que foi martirizado no ano de 117. Santo Irineu, o mais importante discípulo de Policarpo, diz que ele escreveu muitas cartas às igrejas vizinhas de Esmirna, mas hoje só se conserva a carta, que é uma exortação moral, escrita por volta do ano 130, à comunidade de Filipos, onde se percebe com clareza um quadro fiel da doutrina, da organização eclesial e da caridade cristã naquele período. Combateu algumas heresias e doutrinas falsas que surgiram no seu tempo. Foi martirizado no ano de 155 e no dia de seu martírio, diante do tribunal, e frente à insistência do procônsul Estácio Quadrato para que renegasse a Cristo, declarou o seguinte: "Faz 86

anos que sirvo a Deus e nunca ele me fez mal algum. Como poderia blasfemar o meu Redentor?"

Para nós, cristãos que caminham rumo ao III Milênio, é necessário que tenhamos a mesma consistência de fé e seguimento de Cristo que marcou a vida de São Policarpo, inclusive no martírio. Por isso, para nós, ele é modelo de:

- cristão autêntico que se colocou inteiramente a serviço do Reino;
- cristão firme na fé diante das perseguições e possibilidade do martírio;
- pastor preocupado com o bem e integridade de suas ovelhas;
- pastor que luta contra todas as falsas idéias que comprometem a integridade da fé. #

Bernadete Soubirous, religiosa (1844-1879) - 18 de fevereiro



riormente entrará em atitude de diálogo com eles, buscando reconhecer os aspectos positivos do modernismo. Tal situação contrariava a postura intransigente e fechada da Igreja, que necessitava de mais abertura e diálogo com a sociedade, que precisava desvincular-se dos assuntos temporais e políticos, para com liberdade e sem constrangimento

anunciar o Evangelho de Jesus Cristo.

Neste contexto nasce, na França, Bernadete. "Filha de gente simples, analfabeta, acostumada aos trabalhos rudes do campo, que conhecia apenas as principais orações cristãs. (Conf.: Alves J., Os santos de Cada Dia, EP, SP, pg. 1990).

No ano de 1858, a partir do dia 11 de fevereiro, Nossa Senhora lhe aparecerá por 18 vezes. Bernadete entra para a Congregação das Irmãs da Caridade e faz sua profissão religiosa no ano de 1867. Pouco tempo depois contraiu tuberculose e sofreu muito até sua morte, em 1879. Um modelo de total entrega a Deus na doença, paciência santa na dor e simplicidade de vida. Foi beatificada no ano de 1925 e, canonizada no ano de 1937. A gruta de Massabielle, local das aparições, tornou-se um grande centro de peregrinações, onde

muitas pessoas encontram a cura dos males físicos e espirituais.

Hoje, quando ganham espaço no mundo, tantas falsas idéias e posturas atéias, pagãs, indiferentistas e racionalistas, precisamos abrir nossos corações e vidas à ação da graça de Deus. Neste sentido, Bernadete é para nós, modelo de:

- pessoa simples, totalmente aberta à ação da graça divina;
- cristã que não tem medo de relatar as maravilhas operadas por Deus em sua vida;
- cristã que supera com fé e firmeza os momentos de doença, dor e sofrimento;
- ruptura com o passado e dedicação total a Deus, após o encontro com a sua graça. #

Ronaldo Mazula é missionário Claretiano, professor de História da Igreja.

Dever do Cristão:

Francisco Gomes de Matos

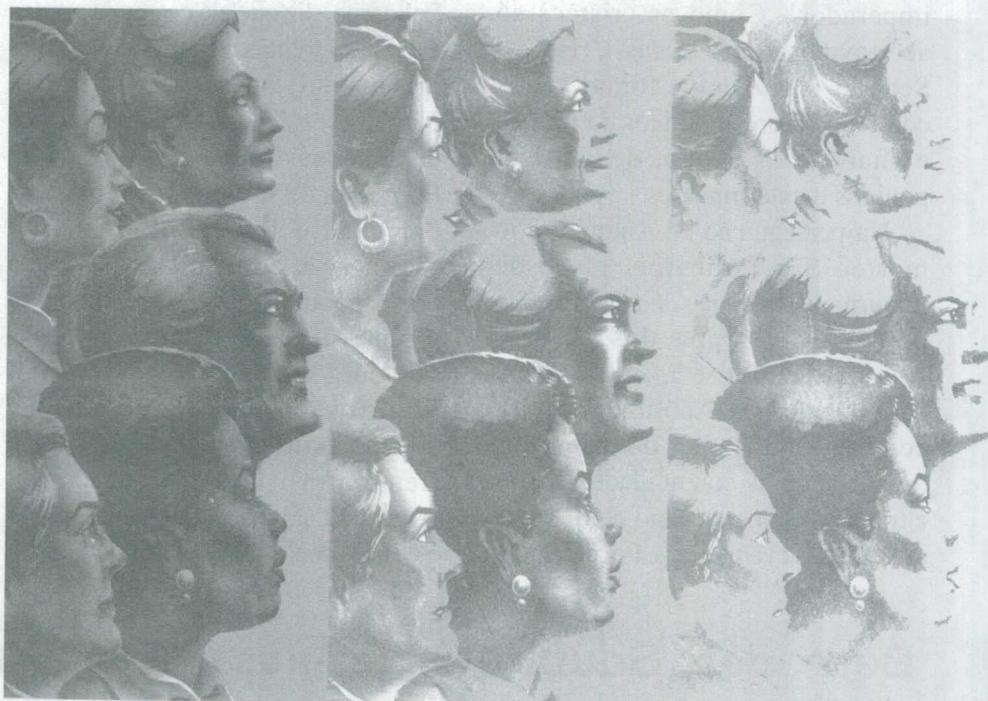
A tradição: falar bem

Em nossa vida escolar, somos ensinados que o falar bem significa falar corretamente, segundo regras de uso baseadas numa variedade de português chamada norma culta. Com o advento da ciência da linguagem — a lingüística — essa concepção do bem falar está sendo pouco a pouco transformada, pelo menos entre professores que fazem uma boa iniciação à lingüística aplicada, de modo que o critério de correção vai sendo substituído pelo de adequação. Assim, os lingüistas orientam que falar bem é saber usar uma língua adequadamente, levando-se em conta os interlocutores, a situação, o objetivo comunicativo, etc. Em que pese esse avanço conceitual e as conseqüências benéficas do mesmo, visando a uma pedagogia mais eficaz, para nós cristãos é crucial acrescentar outra dimensão, que chamamos de humanizadora e que pode ser resumida na frase *Falar bem é falar para o bem*.

Uma perspectiva bíblica

Consultemos o *eclesiástico* 5,10-13 e ali encontraremos esta positivíssima reflexão sobre o *bom uso de um sistema de comunicação*:

... seja uma só a tua palavra
sê pronto em escutar...



se entendes do assunto, responde a teu próximo...

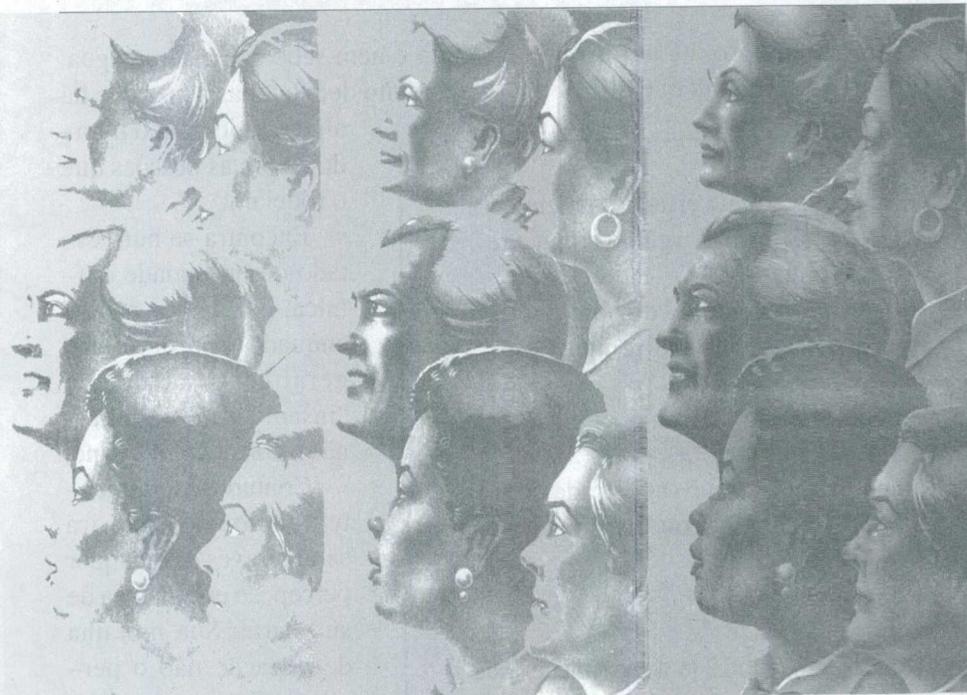
No falar encontra-se a glória

O falar mal de nosso próximo: um pecado lingüístico

Sabemos como é difícil resistir à tentação de falar mal das outras pessoas. Tanto isso é verdadeiro que em nossa cultura jurídica há termos para designar esses conceitos referentes à nossa capacidade de ofender ao próximo. Assim, uma pessoa pode injuriar, caluniar ou difamar outra, através de mensagens construídas com vocabulário ofensivo. Além disso, quantas vezes em nossa convivência

comunicativa teremos feito comentários sarcásticos a respeito de alguém, direta ou indiretamente? Essa variedade marginal de humor áspero, mordaz, é mais comum no falar, mas essa forma rude de ironizar também pode ser encontrada na comunicação escrita. Todas as vezes que ridicularizamos uma pessoa, perguntemo-nos se não estaremos infringindo um de nossos deveres lingüísticos, o de respeitar e tratar com dignidade nosso próximo. A propósito do caricaturar alguém malevolamente ou do comportamento comunicativo não-cristão, recomendamos a leitura de "As ofensas à verdade", no *Catecismo da Igreja Católica* (edição conjunta Vozes, Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993, pp. 554-555). Se, por um lado, precisamos "estar mais inclinados a desculpar as palavras do próximo, do que a censurá-las" (Santo Inácio de

Falar para o bem



Loyola, Exercícios Espirituais), por outro lado, devemos aprender a monitorar nosso uso da língua portuguesa ou de outro sistema de comunicação que saibamos empregar, para que nossa interação lingüística seja mais e mais construtiva. Essa filosofia de vida comunicativa está mais explicitada em nosso livro *Pedagogia da Positividade. Comunicação Construtiva em Português*, publicado pela Editora da Universidade Federal de Pernambuco em 1996.

Saber falar para o bem: uma auto-avaliação

As perguntas a seguir objetivam

ajudar o(a) leitor(a) a construir seu próprio instrumento para avaliar seu domínio cristão da palavra, do saber falar para o bem. Sugerimos que, em pequenos grupos ou oficinas pedagógicas, estas indagações sejam ampliadas e aprofundadas, a fim de consensualmente chegar-se a uma explicitação mais reveladora do que se precisa fazer — *Dizer* — para exercer-se a responsabilidade comunicativa verdadeiramente humanizadora.

A seqüência não reflete importância e pode ser alterada para mais adequadamente servir aos objetivos dos que compartilharem esta atividade em prol da universalização de um movimento em favor da *paz comunicativa*, pois é cada vez maior a violência comunicativa nos diversos contextos em que convivemos. Transforme-se, caro(a) leitor(a), em

promotor(a) do **Falar para o bem** pessoal, interpessoal, comunitário.

1. Sou forte bastante para controlar minha vontade de falar mal de alguém — da pessoa à minha frente — e silenciar, ou mais cristãmente, falar bem desse irmão ou dessa irmã em Cristo?

2. Sou capaz de me colocar no lugar de meu “alvo lingüístico” e imaginar, atenciar, o que um falar maledicente pode causar? Tenho auto-controle suficiente para evitar uma ironia ou uma manifestação mais ofensiva desta, o sarcasmo?

3. Consigo exercer meu senso crítico cristãmente, ao questionar idéias ou atitudes de alguém, buscando antes engrandecer a pessoa criticada do que ofendê-la? Convém, a esse respeito, desenvolver um vocabulário do falar para o bem, organizado quanto a substantivos, adjetivos, verbos positivos. Precisamos aprender, como leitores, ouvintes, telespectadores, a observar e registrar em cadernos, agendas ou outros tipos de documentos, usos dignificantes da língua portuguesa, nos mais variados ambientes.

Em suma, enorme mas transponível desafio para nós cristãos constitui o saber falar para o bem. Empenhem-nos em **sempre** cumprir esse dever lingüístico e estaremos praticando o **amor ao próximo lingüístico**. #

Francisco Gomes de Matos é professor de Lingüística no Departamento de Letras, UFPE, Recife, e ex-professor na PUC-SP.

A batalha de bebida

Donald M. Lazo

Numa recente viagem aos Estados Unidos, reencontrei numa livraria, um dos melhores livros sobre o alcoolismo já escrito: "The Booze Battle" (A Batalha da Bebida), por Ruth Maxwell, fundadora do Maxwell Institute, que já ajudou milhares de famílias que enfrentam os problemas de alcoolismo e adicção às drogas.

O livro é dirigido às famílias e empregadores de alcoólatras, oferece conselhos práticos e soluções viáveis de uma das maiores peritas no campo da dependência química.

Entre outras coisas, o livro explica que: *(quadro abaixo)*

Você não precisa:

- Culpar o alcoólatra
- Controlar o beber do alcoólatra
- Preocupar-se com as razões pelas quais o alcoólatra bebe
- Aceitar ou exigir promessas
- Permitir que o alcoólatra agrida você ou seus filhos
- Esconder o fato de você estar procurando ajuda

Você pode:

- Aprender a lidar com tuas próprias reações ao problema
- Encontrar forças nas experiências de outros em lidar com o alcoolismo
- Sentir como se estivesse contribuindo a soluções, com os conselhos sensatos deste livro.

No início do livro, há um trecho escrito por R. D. Laing, que diz:

"Deve haver algo de errado com ele, porque não estaria agindo como age se não houvesse, portanto, está agindo do jeito que age, porque há algo errado com ele

Ele não pensa que há qualquer coisa errada com ele, porque, uma das coisas que está errada com ele é que ele não pensa que haja qualquer coisa errada com ele

Portanto

Precisamos ajudá-lo a reconhecer que o fato dele não pensar que haja qualquer coisa errada com ele é uma das coisas que está errada com ele."

Parece-me uma boa descrição da polêmica do alcoólatra. Ele é a última pessoa a saber que ele sofre de uma doença da qual se recuperar com certa facilidade, contanto que as pessoas que o cercam saibam lidar com ele.

O livro da senhora Maxwell, tem uma explicação excelente da técnica da Intervenção e é essa explicação que quero compartilhar com os leitores da Ave-Maria a partir do próximo número.

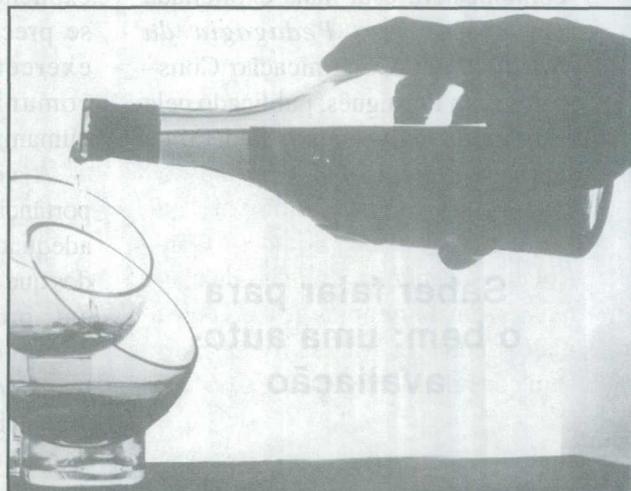
Final de contas, o alcoólatra está se afo-

gando e nem sabe que está na água. Está muito doente, mas pensa que há algo errado com o mundo e com as pessoas que o rodeiam.

Encontra-se num estado de insanidade química, porém por não se enquadrar na definição geralmente aceita de "insanidade", os outros não o consideram insano.

Contudo, é totalmente irracional e não irá sarar através de qualquer percepção espontânea de sua parte. Sua muralha de negação não o permitirá. Terá que ser preparado para ter essa percepção. Esta preparação se chama Intervenção Orientada. #

Donald Lazo: maiores informações sobre dependência alcoólica ou outra dependência química ligar para (011) 229. 7523.



Ciúme: razão, sentimento ou emoção?

Wimer Botura Jr.

Muitas pessoas disfarçam ou dissimulam seu ciúme com receio de que ele seja identificado como o real motivo de conflitos. É por isso que se criam dúvidas com relação às atitudes do ciumento: não se sabe ao certo se elas são falsas ou verdadeiras, oriundas da razão, do sentimento ou da emoção.

Para começar a entender as normas que regem o ciúme, poderíamos nos perguntar: o que faz duas facções se manterem em conflito, pessoas sustentarem opiniões num debate ou, ainda, chegarem a uma briga?

Os indivíduos, quando estão em confronto, independente das rúsgas iniciais, arranjam uma razão para ir até o fim da discussão e fazer valer suas posições. Por incrível que possa parecer, muitas vezes, briga-se pelos mesmos pontos, alternando-se apenas o nível e a escala de argumentação. Geralmente, seja atacando ou defendendo, as pessoas recorrem a inúmeras justificativas, objetivas e externas, para manterem suas opiniões.

É difícil entendermos que por trás de uma boa razão existe uma emoção ou sentimento e, que a racionalidade, quase sempre, esconde os verdadeiros motivos de uma atitude ou tomada de decisões.

Quantos maridos, por exemplo, mostram-se prestativos e cuidadosos com a esposa, aparentemente em pequenas e inocentes atitudes? Controlam os canhotos do talão de cheque, fazem as compras de casa com a maior dedicação, marcam e desmarcam consultas, no dentista, e por aí a fora.

Poderíamos dizer que atos deste tipo expressam a mais singela

cooperação no casamento. Racionalmente, estes maridos se justificam, seja porque suas esposas não gostam de fazer contas, são distraídas, não selecionam direito as compras ou, ainda porque gostam de ser paparicadas. Uma outra leitura, no entanto, pode ser feita além da margem da racionalidade, a partir de uma possível fantasia de ciúme. Estes maridos podem acreditar que, controlando os cheques, podem também controlar sua mulheres, seus gastos, com quem gastam, saem ou se os estão traindo ou não.

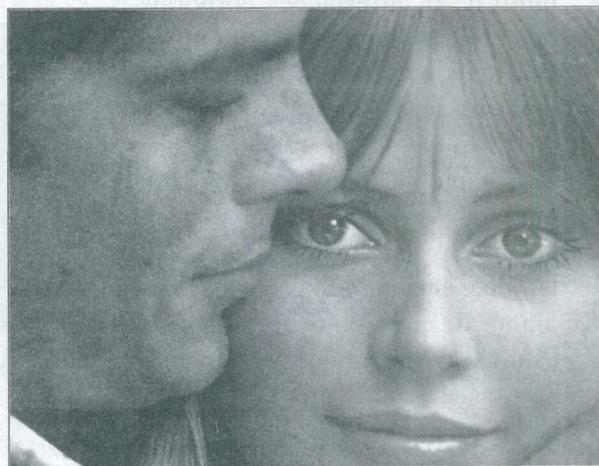
Outros preferem ir mais adiante nos cuidados com o casamento e pagam um “salário” à esposa para que se dedique com exclusividade aos filhos e à casa. Vocês já viram atitude mais simpática do que esta? A mulher, diante dessa demonstração de amor, provavelmente espalhará aos quatro ventos: “Meu marido não é nem um pouco ciumento e, além de tudo, é muito prestativo”.

Aparentemente, estas atitudes são fruto da vontade de cooperação e zelo pelo relacionamento. Mas, será que aí não reside também o medo do marido de ver sua mulher se tornar independente ou conhecer outros homens?

Infelizmente é assim, num ambiente meio disfarçado e inconsistente, que muitas pessoas não saberão diferenciar os sentimentos que determinam suas escolhas e seus comportamentos. Acreditar, pura e simplesmente, na racionalidade levamos à uma insatisfação sem fim; não

conhecer a emoção ou sentimento que está mobilizando um pensamento ou comportamento, leva-nos a graves erros.

Muitos indivíduos têm suas vidas alimentadas pela vingança, medo, competição, ambição, ciúme, e não têm consciência disto. Neste aspecto, se não tomarmos contato com o que sentimos, poderemos ver coisas absurdas acontecerem. Por exemplo, é comum uma mulher infeliz em seu casamento dizer que ama seu marido, aquele homem que a agride e humilha



diariamente. Se perguntarmos a esta mulher a razão pela qual continua neste relacionamento, provavelmente dirá que tem medo do marido, das ameaças de morte que ele faz, principalmente se ela vier a pedir a separação ou pensar em ter outro companheiro.

Seguindo o mesmo raciocínio — da falta de noção de nossos sentimentos — o que motivaria, por exemplo, uma visita supresa do seu namorado à sua sala de aula ou ao seu trabalho? Saudade, ciúme ou desconfiança?

O entendimento destes aspectos

poderá nos ajudar a conhecer melhor nosso comportamento. Por mais que sejamos ou tentemos ser racionais, inevitavelmente estaremos sentindo alguma coisa dentro de nós mesmos.

É por isso que devemos entender o que é razão, emoção e sentimento.

Resumidamente, podemos afirmar que a razão consiste em um conjunto de pensamentos (oriundos de dados obtidos pelas vias perceptivas junto ao meio externo), de percepções intrínsecas do indivíduo (originárias da sua memória), e de seus sentimentos e emoções. Como a maioria das pessoas não toma contato com seus sentimentos e emoções, não percebe quanto e como eles estão interferindo no seu processo ideativo e em suas escolhas.

Já a emoção consiste em um conjunto de manifestações corporais, bioquímicas, musculares e comportamentais, em resposta a um estímulo momentâneo. A emoção deve cessar quando o estímulo que a gerou acabe. Se eu sinto medo, por exemplo, este medo deve desaparecer no momento em que o estímulo que o gerou termine. Quando isto acontece estou diante de uma emoção autêntica, natural do animal que o Homem é. Se estas sensações corporais não acabaram no momento certo, estaremos então diante de um sentimento.

O sentimento é contínuo e apresenta resíduos das emoções envolvidas em sua gênese. As emoções autênticas do ser humano são a alegria, medo, raiva, tristeza. Os sentimentos são o afeto, ciúme, culpa, entre outros.

É importante saber que as emoções não surgem simplesmente para termos a sensação de aventura ou dramaticidade em nossas vidas. Elas têm a finalidade de preservar a vida e constituem uma das mais importantes atribuições do corpo humano na sua luta pela sobrevivência. Se estivermos diante de uma

ameaça, surgirá o medo e, se este não for resolvido a contento, seus resíduos estimularão a raiva, nada mais que um desdobramento do próprio medo.

O ciúme, é um sentimento do espectro da emoção medo que, posteriormente, se mistura às características da raiva. Se o medo não é eliminado ou protegido logo de início, o organismo irá associá-lo de imediato à raiva e se encarregará da defesa do indivíduo. Se a raiva não resultar na solução da ameaça, entrarão em cena comportamentos bem mais elaborados: passo a passo vai se construindo um castelo de ciúme, sustentado em sua base pela desconfiança e pelo controle.

Assim, a emoção cuida do momento e o sentimento cuida da continuidade.



O desconhecimento desses mecanismos de proteção pode fazer com que nossos problemas se agravem. Costumo dizer aos meus clientes: “Quem não sabe o que quer, nem Deus ajuda. Bem que ele quer dar um empurrãozinho, mas não sabe para que lado”.

Para saber o que você quer é preciso saber o que você está sentido! E não é fácil descobrir e entender claramente o que se passa conosco: além de não conseguirmos delimitar direito onde começa um pensamento, um sentimento ou onde termina uma

emoção, ainda sofremos por decodificá-los. Parece complicado, não? Realmente é.

Veja que as emoções e os sentimentos são inatos ao ser humano e, por serem instintivos, não vêm rotulados. Inicialmente, nós sentimos, porém não sabemos o que. Ao longo de nossa vida, com o aprendizado, vamos associando certas sensações aos nomes que foram dados a elas, e assim achamos que sabemos o que sentimos. Acontece, no entanto, que os nomes dados a estas sensações são muitas vezes equivocados e permitem a construção de um quadro de referência errôneo sobre nós mesmos e sobre os outros. Muitos acreditam, por exemplo, que ciúme é uma demonstração de amor. Será? Será que o amor é realmente aquilo que nos ensinaram e nos fizeram acreditar ser amor?

Se muitas pessoas não conseguem diferenciar nem mesmo o amor, como podem saber o que sentem?

Para ajudá-lo a entender melhor esse emaranhado de sensações, imagine que você têm que digitar um texto em seu computador. Quando você se senta diante do teclado, percebe que está escuro, não há luz suficiente para enxergar o que você está escrevendo. Além disso, um engraçadinho qualquer trocou algumas teclas, de tal forma que onde esta o A agora está X, onde estava o E está o U.

É exatamente isso que a nossa educação fez com nossos sentimentos e emoções: codificou-os de forma errada. Muitos acreditam que amam a quem temem, outros a quem odeiam e outros em quem não confiam.

Assim também é o ciúme: uma luta de poder, uma disputa em nome do que as pessoas pensam ser o amor. #

Wimer Botura Júnior é psicoterapeuta e psiquiatra e autor do livro “CIÚME” da E. Roka. Tel. (011) 222.1458 ou pelo FAX (011) 220.8653.

QUERIDO LEITOR

Estamos possibilitando colecionar receitas sob duas categorias energéticas: mais e menos calóricas. Para compreender melhor devemos conhecer os significados dos termos: caloria, que é a unidade de energia contida no alimento — nosso combustível; e metabolismo, a queima dessa

mesma caloria. Quanto maior a quantidade de caloria assimilada pelo corpo, maior a quantidade de energia armazenada. Para perder peso deve-se ingerir menos calorias e aumentar a atividade. Por outro lado, comer menos calorias não quer dizer comer mal, ou pouco.

RECEITAS COM MAIS CALORIAS (especialidade para o mês de fevereiro: batata)

Entrada**Salsichas enroladas com purê (6 porções)****Ingredientes**

- 12 salsichas
- 2 1/2 xícaras/chá de purê de batatas
- 2 ovos
- 4 colheres/sopa de farinha de trigo
- 2 colheres/sopa de farinha de rosca
- 2 colheres/sopa de queijo parmesão ralado
- 1 colher/chá de orégano
- Óleo para fritar
- Sal a gosto

Modo de Preparar

1. Coloque o purê ainda morno numa tigela junte 1 ovo e mexa com uma colher-de-pau. Junte a farinha de trigo peneirada e um pouco de sal, mexa bem, reserve.
2. Num prato fundo coloque a farinha de rosca, o queijo ralado, o orégano, reserve.
3. Bata o ovo inteiro
4. Faça bolinhos com o purê, deixando a salsicha dentro de cada um, forme bem com o purê, passe cada bolinho no ovo batido e depois, no preparado de farinha de rosca, envolvendo-os bem.
5. Frite em óleo quente até dourar por todos os lados. Retire com uma escumadeira e coloque sobre papel absorvente.
6. Sirva quente.

Prato Principal**Torta de batatas e frango (6 porções)****Ingredientes**

- 3 peitos de frango picadinhos
- 4 xícaras/chá de purê de batatas preparado à gosto
- 1 cebola picadinha
- 2 dentes de alho picadinhos
- 1 colher/sopa de pimentão verde picadinho
- 50 g de azeitonas verdes
- 2 ovos cozidos duros
- 50 g de uvas passas

1 xícara/chá de caldo

Óleo para fritar

Sal e pimenta-do-reino e cominho à gosto

Modo de Preparar

1. Frite no óleo a cebola, junte com o pimentão e o alho, junte o frango e frite bem.
2. Junte as uvas passas e as azeitonas, agregue o caldo e cozinhe. Reserve, deixe amornar.
3. Numa forma refratária untada coloque a metade do purê, cubra com o frango refogado, e finalmente com o restante do purê.
4. Leve para assar até dourar. Deixe amornar um pouco e sirva.

**Sobremesa****Sorvete de creme com molho (6 porções)****Ingredientes**

- 3/4 de sorvete de creme comprado pronto
- 150 g de açúcar cristal
- 10 ameixas secas sem caroço
- 50 g de uvas passas sem sementes
- 1 copo pequeno de Kirsch
- 200 g de chocolate ralado grosso
- 3/4 copo de água

Modo de preparar

1. Coloque o açúcar cristal e cubra com a água numa panelinha até formar uma calda grossa e dourada.
2. Junte as uvas passas e as ameixas picadas, cozinhe mais

um pouco e junte o kirsch, deixe esfriar.

3. Coloque em 3 taças o sorvete e regue com a calda. Polvilhe com o chocolate ralado, e sirva.

RECEITAS COM MENOS CALORIAS

Entrada

Bolinhos de batata e sardinha (4 porções)

Ingredientes

- 2 xícaras de purê de batatas
- 1 lata de sardinha sem o óleo
- 1 tomate picadinho sem sementes
- 3 colheres/sopa de caldo de limão
- 2 colheres/sopa de maionese light
- 1 colher/sopa de coentro picadinho

Modo de preparar

1. Numa tigela coloque a sardinha desmanchada com um garfo, o caldo de limão, o coentro, e o tomate. Misture bem.
2. Agregue o purê e a maionese, misture bem, e faça bolinhos com as mãos ou se preferir coloque numa forma decorada e desenforme.
3. Sirva em pratos de salada decorado com maionese light e saladas verdes.

Prato Principal

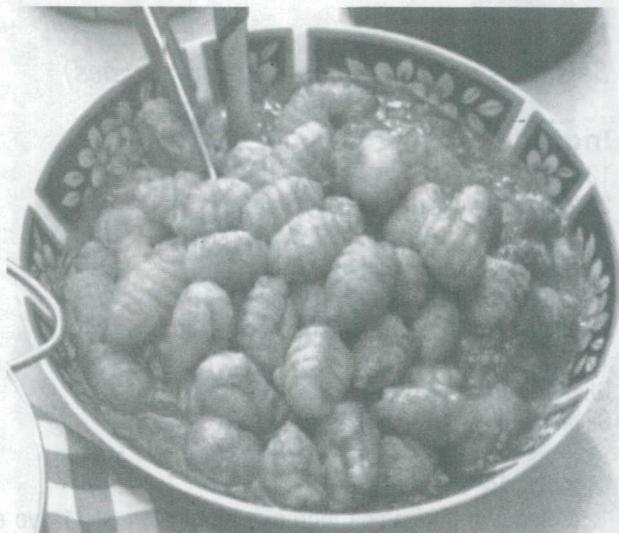
Nhoquis de batatas e ricota (4 porções)

Ingredientes

- 200 g de ricota amassada
- 2 xícaras/chá de purê de batatas
- 2 ovos
- 8 colheres/sopa de farinha de trigo
- Noz moscada ralada
- Sal a gosto

Modo de preparar

1. Misture numa tigela todos os ingredientes amassando suavemente para não desandar, se precisar mais farinha, coloque mais um pouco, até a massa ficar macia.
2. Faça tiras compridas com a massa e vá cortando com uma faca a tamanho regular formando os nhoquis.
3. Cozinhe numa panela com água fervente, até saírem na superfície, retire com escumadeira, e coloque numa fonte de servir.



4. Regue com um molho simples de tomates, cenoura, cebola e alho cozido, e um pouco de orégano.

Sobremesa

Creme de batatas e nozes (4 porções)

Ingredientes

- 1/2 kg de batatas
- 3/4 litro de leite desnatado
- 3 colheres/sopa de adoçante próprio para fogão
- 1/2 copinho de rum
- 100 g de queijo minas
- 1 colher/café de canela em pó
- 2 colheres/sopa de nozes picadas

Modo de preparar

1. Descasque as batatas e corte-as em rodela, cozinhe numa panelinha junto com o leite, quando estiverem macias escorra e faça um purê. Junte a canela.
2. Dissolva o adoçante no rum e misture ao purê. Junte o queijo em cubinhos pequenos, sirva em taças. Polvilhe com nozes picadas. Pode servir quente ou frio.

Este é meu filho muito amado.

Ouvi-o!



2º DOMINGO DA QUARESMA

23 de fevereiro

1. Ponto de partida

As leituras de hoje nos falam da oferta preciosa de um filho amado. Abraão oferece a Deus seu filho, mas Deus o recusa e ele mesmo vai fazer à humanidade uma oferta bem maior: Jesus é natural dar presentes a gente boa, que fez por merecer. Mas oferecer o melhor de si para quem se afundou no erro, só por amor, isso não faz parte da lógica do nosso mundo. É comum ouvir: "Direito para quem é direito! Quem sai da linha não tem o que reclamar". Muita gente vai reagir assim ao tema da Campanha da Fraternidade deste ano. Nós, que somos pecadores, sabemos muito bem ser juízes severos dos que consideramos mais pecadores que nós. Muita gente pensa que aumenta seu mérito, e virtudes, pisando nos que não conseguem ser tão virtuosos assim. E, ainda mais, espera que Deus reze pela mesma cartilha.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura - Gn 22, 1-9a. 10-13. 15-18

Era costume nos povos antigos oferecer o filho primogênito para garantir a benevolência das divindades.

Pensavam que agindo assim afastariam possíveis desgraças. Se os deuses pagãos mereciam tal homenagem, Abraão acha justo oferecer seu próprio filho, pois Deus a ele se revelara. Deus não deixa que Abraão complete o sacrifício: recusa e condena a prática pagã do sacrifício de crianças. Ele é o Deus da vida, não da morte. Os ídolos é que exigem sacrifícios humanos, não o Deus de Israel. Ele vai pedir que coloquem a vida a seu serviço de outra maneira: iniciando um povo que será bênção para todos os povos da terra.

2ª Leitura - Rm 8, 31b-34

São Paulo imagina a situação dos pecadores sendo conduzidos ao tribunal para o julgamento. Tremem de medo porque se reconhecem culpados. Chegando, porém, ao lugar, eis a surpresa: ninguém se apresenta para acusá-los e nenhum juiz se levanta para condená-los. Deus não os condena porque os ama muito. Jesus também não pronuncia a sentença deles, em favor dos dois entregou sua própria vida!

Evangelho - Mc 9, 2-10

Nosso Deus não precisa ser 'acalmado' ou 'conquistado' por sacrifícios de vidas humanas. A lógica do amor de Deus é a oferta de si para salvar, não porque o mereçamos, mas porque precisamos. Diante desse amor de Deus deveríamos sentir vergonha de amar tão pouco. Se Deus usasse a nossa lógica, estaríamos perdidos. Alguns aspectos da narrativa nos ajudam a compreender a transfiguração. O fato de Jesus retirar-se para uma alta montanha indica que a experiência é de extrema importância. A montanha é, tradicionalmente, o lugar do encontro com Deus e de sua manifestação aos homens. Mais do que lugar físico, a montanha indica o momento da intimidade com Deus. Conduzir os discípulos ao alto de uma montanha é abandonar a planície da lógica humana para alcançar o mundo dos desígnios do

Pai. As vestes brancas são o símbolo do mundo de Deus. Moisés e Elias simbolizam a Lei e os Profetas. As tendas de que Pedro fala, referem-se a uma profecia de Zacarias, segundo a qual a vinda do Messias seria marcada por uma grande festa, a do encerramento das colheitas, de todos os povos. O medo também é simbólico: refere-se a uma experiência de pavor, surpresa ou arrebatamento vivida por quem entra em contato com o sobrenatural. A nuvem e a sombra são imagens para sinalizar a presença de Deus. Da nuvem sai uma voz: é o sentido que Deus dá ao acontecimento. Jesus desafia os discípulos a ampliar sua compreensão, e não permite que se acomodem. Eles não entendem a troca da glória, percebida na transfiguração, pelo caminho do serviço solidário até a morte. A oferta de Jesus acontece



O VATICANO

Este livro marca o início das atividades da **Klick Editora**. É um projeto pioneiro publicado em vários países e que pela primeira vez um livro da NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY foi publicado em português no país. O Vaticano foi concebido para que o leitor possa sentir-se dentro da cidade de Roma. Tem luxuosíssimo acabamento gráfico em papel couchê e capa dura. Muitas fotos belíssimas. Formato 24x28.

Preço: só R\$ 20,00 (últimos exemplares)

PEDIDOS: DLT — Distribuidor de Livros Técnicos Ltda. Al. Santos, 1343- 5º andar Cj. 506 CEP 01419-001 - São Paulo, SP. Tel e FAX (011) 287.6498

Na paz do Senhor

Os missionários claretianos comunicam o falecimento do Irmão Geraldo Moreira, cmf, no dia 28 de janeiro de 1997 às 16h55. O irmão Moreira nasceu aos 26 de março de 1909 em Sabará, MG, diocese de Belo Horizonte. Tinha três irmãos e uma irmã. Entrou para o seminário de



de Rio Claro no dia 28 de março de 1931, quase 66 anos atrás. Emitiu seus primeiros

votos na Congregação no dia 19 de março de 1934 em Guarulhos, SP.

Como irmão coadjutor na Congregação prestou vários serviços, foi propagandista da Fevista Ave-Maria, Diretor da Livraria Ave-Maria em São Paulo e ultimamente era responsável pelo Secretariado Vocacional da Província.

porque 'Deus é por nós'. Esse exemplo de amor gratuito ajuda a nossa fé e nos impele a ir gratuitamente ao encontro do irmão. Em vez da contemplação passiva "na montanha", Deus nos pede que ouçamos o seu Filho, percebendo e vivendo o caminho que ele apontou.

3. Conclusão

- Deus não quer o sacrifício da vida humana, mas pede que ela seja oferecida para a construção de um mundo melhor.

- Deus vem ao nosso encontro porque precisamos de perdão e ajuda.
- Em Jesus, Deus nos oferece o que tem de melhor e espera também por nossa generosidade.
- Jesus se transfigura diante dos apóstolos, mas não deixa que eles fiquem acomodados diante dessa revelação.
- Precisamos de conversão para sermos sinais de amor e salvação, capazes de servir e de perdoar, sem nenhuma forma de julgamento. #

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 24 - Segunda-f.: Dn 9,4b-10 - Oração de Daniel: Pecamos, Senhor!; Sl 78,8.9.11 e 13; Lc 6, 36-38 - Perdoai, e sereis perdoados.

Dia 25 - Terça-f.: Is 1,10.16-20 - Sede dóceis e obedientes, para os vossos pecados serem perdoados; Sl 49,8-9. 16bc-17.21 e 23; Mt 23, 1-12 - Sede obedientes e humildes: um só é vosso Pai e Mestre.

Dia 26 - Quarta-f.: Jr 18, 18-20 - Conspiração contra o profeta; Sl 30,5-6. 14. 15-16; Mt 20, 17-28 - Anúncio da paixão; Podeis beber o meu cálice.

Dia 27 - Quinta-f.: Jr 17,5-10 - Escutai a

palavra do Senhor; Sl 1,1-2.3.4 e 6; Lc 16,19-31 - O rico e o pobre Lázaro (Se não ouvirem aos profetas...).

Dia 28 - Sexta-f.: Gn 37,3-4. 12-13a. 17b-28 - José vendido por seus irmãos; Sl 104,16-17. 18-19. 20-21; Mt 21,33-43.45-46 - Parábola dos lavradores homicidas.

Dia 1 - Sábado: Mq 7,14-15.18-20 - Jogai os nossos pecados nas profundezas do mar; Sl 102,1-3. 3-4. 9-10. 11-12; Lc 15,1-3.11-32 - Parábola do filho pródigo.

A Lei, sinal da Aliança



3º DOMINGO DA QUARESMA 02 de março

1. Ponto de partida

A fé nos conduz por caminhos que parecem absurdos. Em vez de uma religião que satisfaça os nossos desejos, Deus propõe na Aliança mandamentos para uma vida mais solidária e fraterna. As melhores leis e instituições podem ser deturpadas em favor de proveito próprio. Essa realidade já nos é bem conhecida. Nem as Igrejas escapam disso: pessoas que levam vantagem em nome de Deus, usando a fé do povo. O mesmo acontece com a justiça que, em vez de defender o pobre, acaba servindo os que podem mais. Assim ela mesma se torna injusta. Muitos esperam que Deus se coloque a favor de quem está em condições de lhe retribuir e deixe de lado quem está no fundo do poço da miséria, da ignorância ou sofrendo as conseqüências dos próprios erros. Por isso não entendem

O lugar de sua generosidade está aqui. Não o deixe vazio.



Missões Claretianas

Av. Jacob Macanhan, 709
CEP 83 326-000 ou
Caixa Postal 531

PINHAIS, PR

que a Igreja se coloque em defesa dos direitos dos marginalizados.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura - Ex 20, 1-17

A primeira característica do decálogo é que as leis são dirigidas diretamente à pessoa. Por outro lado, para o israelita piedoso a fidelidade a um mandamento nunca se reduz à fria observância de uma norma, mas inclui sempre uma resposta pessoal ao Deus que se revelou a ele. A lei não tolhe a liberdade, mas são sinais indicativos do caminho certo. Quem os segue torna-se livre e feliz. Os dez mandamentos são ainda atuais, mesmo reduzidos a dois ou a um, não importa. Eles traçam as fronteiras mínimas do amor, pois 'o amor é o pleno cumprimento da lei' (Rm 13,10).

2ª Leitura - 1Cor 1, 22-25

Nas poucas linhas desta leitura, Paulo apresenta o ponto fundamental de sua pregação: o Cristo crucificado. Diante dele precisamos tomar uma posição. A lógica de Jesus, autêntica loucura, é doação, amor gratuito de Deus ofertado aos mais necessitados. É uma lógica sábia porque produz salvação e conserta os estragos de nossa lógica interesseira. Não podemos reduzir a religião a uma fé de milagres ou racionalista.

Evangelho - Jo 2, 13-25

A expulsão dos mercadores do templo, entre outras interpretações, tem um sentido simbólico: a chegada do reino do Messias e a condenação de qualquer mistura entre religião e interesses econômicos. Não se pode querer comprar a salvação, nem com dinheiro, nem com devoções, pois Deus não age em troca de ofertas ou barganhas, seja do tipo que for. Jesus também não cede aos pedidos de demonstração de poder. Seu poder

consiste em colocar-se do lado dos marginalizados e fracos, tornando-se um deles. Jesus declara encerrado o tempo da prática da religião baseada no templo de pedra, e uma nova forma de adorar a Deus em espírito e verdade será inaugurada na Páscoa. Hoje o novo templo somos todos nós. A casa de Deus, o santuário onde ele habita, é Cristo e a comunidade dos crentes. As ofertas são as obras de amor, o serviço generoso, em favor dos homens, especialmente dos mais necessitados. A verdadeira fé não se baseia em obras extraordinárias, mas o transformar-se, junto com ele, em pedras vivas do novo templo, em dedicar a própria vida em favor dos irmãos. A Campanha da Fraternidade chama a atenção para o tratamento diferenciado que pobres e ricos recebem quando cometem algum ato contra a lei. Assim como Jesus ficou indignado ao ver o comércio profanar o templo, que era lugar sagrado, ficaria igualmente indignado ao ver profanado o direito do ser humano, filho de Deus e templo vivo do Espírito, sofrer injustiça em função da posição social ou do dinheiro.

3. Conclusão

• Salvação não se compra: Deus não pode ser conquistado por nossas ofertas. • Ninguém tem o direito de manipular a fé do povo em proveito próprio. • Os milagres de Jesus são sinais do Reino e não demonstrações de poder exibicionista. • A lógica de Deus pode parecer loucura, mas só com essa generosidade gratuita a salvação chega a todos. • Ser cristão consciente é confiar nos critérios e na 'loucura' de Deus, ao contrário da lógica do poder. #

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 3 - Segunda-f.: Ex 17,1-7 - Deus dá água ao seu povo; Sl 94,1-2. 6-7. 8-9; Jo 4,5-42 - A samaritana: o dom da água viva.

Dia 4 - Terça-f.: Dn 3,25.34-43 - Malgrado os nossos pecados, perdoai-nos, Senhor; Sl 24,4bc-5ab. 6-7bc. 8-9; Mt 18,21-35 - Perdoar sem limite.

Dia 5 - Quarta-f.: Dt 4,1.5-9 - Observai a

minha Lei e não a olvideis; Sl 147,12-13. 15-16. 19-20; Mt 5,17-19 - Não vim abolir, e sim completar a Lei e os Profetas;

Dia 6 - Quinta-f.: Jr 7, 23-28 - Não escutam a voz nem aceitam as advertências de Deus; Sl 94,1-2. 6-7. 8-9; Lc 11,14-23 - É pelo diabo que Ele expulsa demônios.

Dia 7 - Sexta-f.: Os 14,2-10 - Apelo à conversão: Volta ao senhor, teu Deus; Sl 80,6c-8a. 8bc-9. 10-11ab. 14 e 17; Mc 12,28b-34 - Os dois maiores mandamentos.

Dia 8 - Sábado: Os 6,1-6 - Eu quero o amor, mais que os sacrifícios; Sl 50,3-4. 18-19. 20-21ab; Lc 18,9-14 - Parábola do fariseu e do publicano.

Deus é fiel à Aliança



4º DOMINGO DA QUARESMA

09 de Março

1. Ponto de partida

Nós estamos acostumados com o dito: 'Quem faz aqui paga aqui!' Não estamos acostumados com o perdão gratuito pra valer. Achamos 'desaforo' alguém que errou ser tratado direito. É por isso que a maioria não se importa muito com a violação dos direitos humanos dos presos, drogados, prostituídos, pivetes... Mesmo quando nada se diz, fica no ar a idéia de que "essa gente está tendo o que merece, está colhendo o que plantou". Agimos geralmente como se só os outros precisassem de perdão. E nem perguntamos o que seria de nós se sempre fôssemos julgados e nunca amados.

**“Senhor,
o nosso
coração
está inquieto...”**



Santo Agostinho

JOVEM
VOCÊ ESTÁ INQUIETO?

Você
teria
coragem
de dedicar
sua vida ao
serviço do
Reino de
Deus?



Agostinianos

UMA COMUNIDADE DE
IRMÃOS E DE AMIGOS EM
BUSCA DE
NOVAS FRONTEIRAS

Paróquias, Colégios, CEBs, Missão,
Assistência e Promoção Humana,
Grupos de Solidariedade

FREIS AGOSTINIANOS

Seminário Santo Agostinho

Caixa Postal 62 - 12900-000
Bragança Paulista - SP
Tel.: (011) 7844-1771

Secretariado Vocacional

Rua Bernardo Guimarães, 2700
Santo Agostinho
30140-082 - Belo Horizonte - MG
Tel. (031) 337-3101

Comunidade de Teologia

Rua Nagasaki, 385
09940-210 - Diadema, SP
Tel.: (011) 746 1464

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura - 2Cr 36, 14-16. 19-23

A leitura do livro das Crônicas fala dos pecados do povo de Deus, que se desviou da fé e, apesar das advertências dos profetas, acaba exilado na Babilônia. Mas Deus não deixa o povo lá para sempre. Espera que a lição faça efeito e perdoa, para poder recomeçar. E isso é feito gratuitamente.

Segunda Leitura - Ef 2, 4-10

Segundo Paulo, o homem pecador só não consegue sair do próprio pecado. Mas Deus, que é rico em amor e misericórdia, intervém para libertá-lo: ressuscita-o com Cristo para uma vida nova. Essa salvação é dom gratuito do Pai. Se as obras não são causa de salvação, ao menos são uma resposta necessária ao amor de Deus, sinais de que a graça de Deus conseguiu penetrar e produzir frutos no seu coração.

Evangelho - Jo 3, 14-21

Olhar para Jesus “levantado” quer dizer “acreditar nele”, aceitar com fé a mensagem que ele, do alto da cruz, dirige todos os homens. Crer significa identificar a própria vida com a de Cristo, isto é, vivê-la a serviço dos irmãos. Este é o único caminho para conseguir a salvação. Jesus veio para salvar e não para condenar. Chegou mesmo ao extremo de oferecer a sua própria vida, sinal de que somos todos preciosos para Deus. Se Jesus não condena, como nos atreveríamos a dizer que alguém está totalmente perdido? A conversão não pode acontecer por medo de castigo, mas pela autêntica vontade de nos tornar melhores. E fazemos quando alguém nos ama e nos valoriza. Sem esperança de salvação, pra que mudar? Quem não tem mais nada que perder ou esperar, nem tenta se corrigir. A esperança de salvação nos faz ter vontade de melhorar. Sem isso, seria o fim para malfeitores, presidiários, violentos e até para nós. Saber que precisamos da misericórdia de Deus nos ajuda a agir com misericórdia, em qualquer circunstância.

Por isso, é triste um sistema que castiga os criminosos e não é capaz de recuperá-los. Pior ainda se gera revolta e agrava situação de quem já não estava num bom caminho. Quem está numa situação assim também é importante para Deus; foi também por causa deles que Jesus veio salvar o mundo. Jesus é a luz que veio ao mundo e foi rejeitado por quem preferia as trevas. Como seguidores de Jesus, somos convidados a levar a luz da fraternidade e da justiça em meio às trevas, sempre com o objetivo de construir e salvar. Não se combate a violência com mais violência, mas é preciso acreditar na força poderosa da solidariedade com os mais fracos.

3. Conclusão

• Nossa vida, como a do povo de Deus na Bíblia, é feita de erros e acertos, perdão e recomeço. • Deus nos ofereceu Jesus porque nos quer salvar e fazer participantes da vida divina. • Jesus não denuncia erros só para condenar, mas para possibilitar a conversão e o perdão que salva. • Conversão não pode ser fruto do medo, mas mudança verdadeira de coração. • Sem esperança e certeza de acolhimento fica difícil alguém se corrigir. • Somos chamados a ser luz num mundo injusto; devemos fazer isto com os métodos e o desejo de salvação de Jesus. #

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 10 - Segunda-f.: Mq 7,7-9 - O Senhor é a minha luz; Sl 26,1.7-8a. 8b-9abc. 13-14; Jo 9,1-41 - Cura do cego de nascença.

Dia 11 - Terça-f.: Ez 47,1-9.12 — Poder da fonte maravilhosa que jorra do templo; Sl 45,2-3.5-6.8-9; Jo 5,1-16 — Jesus cura um paraplético sem ajuda de água.

Dia 12 - Quarta-f.: Is 49,8-15 — Deus consola o seu povo na aflição; Sl 114.8-9. 13cd-14. 17-18; Jo 5,17-30 - Como o Pai, também o Filho tem poder de dar a vida.

Dia 13 - Quinta-f.: Ex 32,7-14; Sl 105,19-20. 21-22. 23; Jo 5,31-47.

Dia 14 - Sexta-f.: Sb 2, 1a. 12-22 — Prendamos e condenemos o justo a uma morte infame; Sl 33,17-18. 19-20. 21 e 23; Jo 7, 1-2. 10.25-30 — “Não é este

aquele a quem procuram tirar a vida?
Dia 15 - Sábado: Jr 11,18-20 — Manso cordeiro conduzido à matança, eu ignorava as maquinações; Sl 7,2-3.9abc-10 11-12; Jo 7, 40-53 — Os chefes tramam contra Jesus: “Da Galiléia não sai profeta algum”.

Queremos ver Jesus



5º DOMINGO DA QUARESMA
16 de Março

1. Ponto de partida

“**A**s palavras comovem, os exemplos arrastam”. Quando a coerência de vida e o exemplo chegam ao martírio ganham um poder ainda maior de convencimento. Povo que cultiva a memória de seus mártires mantém vivo o ideal que eles defenderam e se compromete com a continuidade da missão pela qual doou a vida. Há também outras maneiras de doação: mães e pais que cuidam de filhos ou idosos deficientes, gente que pratica com heroísmo sua profissão a serviço da comunidade, pessoas que se gastam em trabalho voluntário para atender a quem precisa... Famosos ou anônimos, aqueles que se entregam totalmente a um projeto generoso de solidariedade fazem pensar e incomodam os acomodados.

2. Reflexão Bíblica

1ª Leitura - Jr 31, 31-34

Através dos profetas Deus vai educando o povo e preparando a

AM

REVISTA AVE - MARIA

Fundada aos 28 de maio de 1898.

A primeira revista católica mariana do Brasil

Preço da Assinatura por um ano - 12 números - R\$ 20,00

ESCOLHA UMA DAS DUAS MODALIDADES ABAIXO PARA O PAGAMENTO:

1 - CHEQUE NOMINAL À REVISTA AVE-MARIA:

Cheque Nº Banco..... no valor de R\$.....

ENVIAR O CHEQUE E SEU ENDEREÇO COMPLETO PARA:

Revista AVE MARIA - Rua Martim Francisco, 656 - 3º andar

Caixa Postal 6226 CEP 01064 - 970 São Paulo, SP

2 - VALE POSTAL (CORREIO)

Vale Postal Nº para Agência Santa Cecília - São Paulo - Código

403911 no valor de R\$ (.....)

..... em nome da Revista AVE MARIA.

SEU ENDEREÇO:

Nome:

Endereço:

..... Nº Bairro

CEP Cidade Est.:

Telefone para contato: Ano de nascimento..... Profissão

Obs.: Se você quiser dar uma assinatura de presente a alguém, teremos o maior prazer em escrever ao novo (a) assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados abaixo e acima e remeter para a revista Ave-Maria.

Sr. Diretor

Estou mandando de presente uma ASSINATURA da revista Ave Maria para:

Nome:

Endereço:

..... Nº Bairro

CEP Cidade Est.:

SE PREFERIR FAÇA SUA ASSINATURA POR TELEFONE.

LIGUE A COBRAR: 9 (011) 66. 2128 ou 9 (011) 66. 2129

salvação. Jeremias fala das Alianças: - a que Deus fez com o povo antigamente no Sinai, aliança que o povo não cumpriu e por isso foi parar no exílio; - e a que Deus quer estabelecer, gravada no coração, como uma tendência para o bem, marcada pela presença do Espírito de Deus. Quando o povo sai do caminho, Deus chama de novo, relembra, perdoa... Deus é paciente, insiste com ternura; quer muito que todos se salvem; não se conforma com menos.

2ª Leitura - Hb 5, 7-9

Quando pensamos em Jesus Cristo, temos a tendência de salientar a sua divindade. A leitura de hoje apresenta-o como perfeitamente humano, vivendo todas as vicissitudes que nós vivemos, com a diferença não ter cedido nunca ao pecado, o que não acontece conosco.

VIDEO-PASTORAL

Duração: 25 minutos — Produção: Verbo Filmes



Este vídeo é mais uma voz a cores, a sons, a sonhos, nessa grande "Canção para Zumbi". Soando e voando com o pássaro negro livre. Contemplando emocionadamente a alma negra, que

se afirma diferente e solidária, na arte e no trabalho, na mística e na festa. Assumindo comprometidamente, com todo o Afrobrasil e a Afro-américa e África mãe, a mensagem do Quilombo dos Palmares, mais atual do que nunca depois dos trezentos anos do martírio de Zumbi.

D. Pedro Casaldáliga

Pedidos: VERBO FILMES

Tels. (011) 548.5744 e 246.1867
FAX (011) 521.6135

O fato de ter-se encarnado e assumido a dor, a humilhação e a morte, faz com que os seus seguidores possam confiar nele inteiramente.

Evangelho - Jo 12, 20-33

O grupo de gregos que quer ver Jesus representa os pagãos que querem conhecer a Cristo. Jesus manifesta a sua verdadeira face com o discurso do grão de trigo. Se os profetas convocam o povo a viver a Aliança por palavras, Jesus oferece o perdão e convida à conversão com a entrega da própria vida por amor. Deus queria que essa vida, como o grão de trigo sepultado no chão, desse frutos. Com o seu exemplo, uma multidão de seguidores aprendeu a ser generosa e solidária até o martírio. A glória para Jesus acontece na hora do despojamento total, no momento de entregar a vida na cruz. Se muitos não entenderam o gesto de Jesus no seu tempo, hoje também não podemos esperar compreensão de todos quando somos trigo caído na terra para frutificar. *Ganhar e perder* faz parte da vida, pois ninguém constrói uma obra importante se não estiver disposto a sacrificar alguma coisa no caminho. Para educar um filho, pai e mãe perdem conforto; para ganhar a independência, o jovem perde as comodidades da infância. Crescer é perder alguma coisa em função de algo maior. Importante é descobrir em que sentido queremos crescer. Se nas conquistas da vida é assim, na fé não é diferente. Se queremos algo melhor, temos que entrar na equipe de resgate, apontando caminhos de salvação. Jesus diz: "onde eu estiver"... Sabemos onde Jesus está: caído na terra como o grão de trigo para produzir frutos e ser sinal de salvação. Nesta Quaresma fomos convidados a olhar de frente o problema de tantos irmãos que sofrem nos cárceres e em muitos outros tipos de aprisionamento. São o retrato e a consequência da vida construída em oposição aos valores do Reino. O mundo precisa de salvação. Não podemos negar-lhe esse direito. É

bem verdade que todos somos pecadores, mas se nos aliarmos a Jesus, sempre teremos algo para fazer, algum compromisso ou gesto concreto a assumir como sinal de opção pelo Reino. Podemos tomar o caminho dos que procuram ver Jesus, isto é, conhecê-lo em profundidade, seguir seus passos, comprometer-se com ele, sabendo desde já que é preciso morrer para encontrar a verdadeira vida.

3. Conclusão

• O martírio torna-se memória perigosa para os opositores. • Jesus ofereceu sua vida livremente, por amor, para ser como o grão de trigo que dá muitos frutos. • A aparente derrota da cruz transformou-se, com a ressurreição, na força que atraiu multidões e mudou a história. • Nada se constrói sem renúncia. O importante é escolher a obra a ser construída. #

LEITURAS PARA OS DIAS DA SEMANA:

Dia 17 - Segunda-f.: 1Rs 4,18b-21.32-37 - Eliseu ressuscita uma criança; Sl 17; Jo 11,1-45 - Morte e ressurreição de Lázaro.

Dia 18 - Quinta-f.: Nm 21, 4-9 - Quem olhava para a serpente no estandarte ficava curado; Sl 102; Jo 8, 21-30 - Quando tiverdes levantado o Filho do homem, o reconheceréis.

Dia 19 - Quarta-f.: 2Sm 7,4-5.12-14a.16 - ; Sl 89; Rm 4,13.16-18.22; Mt 1,16.18-21.24.

Dia 20 Quinta-f.: Gn 17, 3-9 - Deus muda o nome de Abrão para "Abraão": pai de uma multidão; Sl 105; Jo 8,51-59 - Abraão viu o meu dia, e ficou cheio de alegria.

Dia 21 - Sexta-f.: Jr 20, 10-13 - O Senhor está comigo: meus perseguidores não vencerão; Sl 18; Jo 10, 31-42 - Jesus escapa dos que o queriam apedrejar.

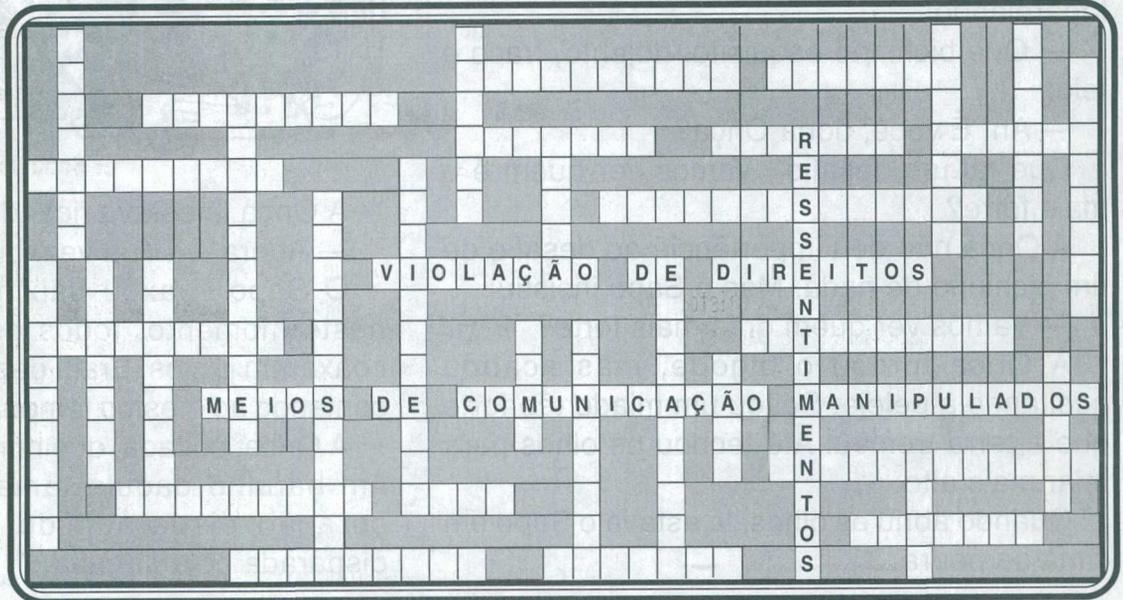
Dia 22 - Sábado: Ez 37, 21-28 - Deus reunirá o seu povo; Jr 31, 10.13; Jo 11, 45-56 - Jesus vai morrer para unir os filhos de Deus.

Bibliografia: *Celebrando a Palavra*, Ano B, Fernando Armellini, AM Edições, 1996 e *Tudo é possível: Deus nos ama (Roteiro para celebrações dominicais)*, CNBB, Ed. Paulinas, 1996.

Fraternidade e encarcerados

Raízes da violência

Diariamente nos deparamos com notícias de crimes, delitos, corrupção, uma justiça às vezes julgando com “dois pesos e duas medidas” (Pv. 20,10), superlotação, maus tratos, torturas, massacres, fugas, revoltas em cadeias e presídios, e a dificuldade de reintegração ao convívio social daqueles que são liberados.



As raízes da violência se originam de uma sociedade que marginaliza seus semelhantes; presos e vítimas, autoridades e réus, de toda uma sociedade, oprimidos por prisões particulares. A maldade que impede a serenidade, a reflexão, a justiça, a caridade.

Encontrando na Bíblia as palavras pedidas nos versículos indicados abaixo e transportando-as ao diagrama acima, podemos meditar sobre os problemas que geram os encarcerados e que são problemas de todos nós, sem exceção. (Bíblia da Ave-Maria).

- _____ - (Rm 7,7) cobiça.
- _____ - (Mt 10,1) doenças.
- _____ - (Rm 1,29) maldade.
- _____ - (Hb 2,18) adversidades.
- _____ - (Hb 2,15) sujeição.
- _____ - (Itm. 1,13) desconhecimento.
- _____ - (Jud. 16) vantagens.
- _____ - (Rm 8,21) suborno.
- _____ - (Tg 2,4) discriminação.
- _____ - (Ez 28,16) agressão.
- _____ - (Hc. 1,3) tirania.
- _____ - (Rm. 12,19) desforra, represália.
- _____ - (Ap. 18,3) libertinagem.
- _____ - (Pv. 13,5) falsidade.
- _____ - (Nee 2,17) indignância.
- _____ - (Pv 11,2) soberba, altivez.
- _____ - (Tt. 3,3) afetos violentos.
- _____ - (Ap 2,9) carência.

- _____ - (ICor. 3,3) zelos amorosos.
- _____ - (Pv 14,30) desejo do bem alheio.
- _____ - (Dn 8,24) autoridade.
- _____ - (Jr 18,21) apetite.
- _____ - (Lc 19,21) receio, temor.
- _____ - (Pv. 10,12) rancor.

Falta de:

- _____ - (Pv 1,8) ensino social.
- _____ - (Is 39,8) amparo, garantia.
- _____ - (Pv 1,8) ensino escolar.
- _____ - (Jo 17,15) expectativa otimista.
- _____ - (1Cor. 3,8) serviço, ocupação.
- _____ - (Pv 20,10) normas, ordens.
- _____ - (Mt 5,6) direito.
- _____ - (Zc 12,12) parentela.
- _____ - (At 7,5) Local p/ plantar.
- _____ - (Lc 19,5) moradia.

O SUSTO

O Sapo estava sentado numa pedra, na beira do riacho, tomando sol, quando chegou a Onça tagarelando:

— Que bichinho esquisito, nojento, fraco e feio!

— Ah! É você, dona Onça?

Que tal um desafio? Vamos ver quem é o mais forte?

A Onça não deu importância ao desafio de um bichinho de nada. Mas o Sapo insistiu:

— Vamos ver quem grita mais forte?

A Onça torceu o bigode, mas acabou aceitando a peleja. Soltou um miado tão forte que a terra tremeu. Até fechou os olhos para miar mais alto.

Quando abriu os olhos, lá estava o Sapo em cima da pedra...



A Onça já estava ficando nervosa:

— Agora é a sua vez, bichinho mixuruca!

O Sapo coaxou baixinho. Cruac... Mas, neste momento, todos os sapos do riacho coaxaram juntos. Eram dez, cem, mil sapinhos cantando ao mesmo tempo. Parecia um trovão!

A Onça, coitada, que nunca poderia esperar um barulho daquele tamanho, ficou com o coração disparado de susto e saiu em disparada pela floresta. #

Extraído do livro "Carretel de Invenções" Ed. EMEPPE, Belo Horizonte, MG Tel. (031) 201- 5434.

Pagando o Pato

Extraído do livro "Pagando o Pato" de Ciga.



++ DIVERTIMENTOS ++

○ ZÉ VAMPIR SE ESCONDEU, TRANSFORMADO EM MORCEGO. ONDE ESTÁ ELE? AJUDE O PENADINHO A ENCONTRÁ-LO.



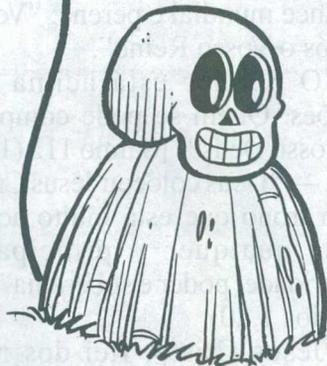
○ MUMINHO ESTÁ TENDO PROBLEMAS COM SUA ROUPA. PARA AJUDÁ-LO A DESEMBARÇA-LA, BASTA DESCOBRIR O PERCURSO QUE O ROLO DE FAIXA FEZ AO ESCAPAR DA MÃO DELE.



762

CRANICOLA

DESCUBRA, ENTRE ESTAS SILHUETAS, A QUE CORRESPONDE AO MEU MAGNÍFICO PERIL!



RESPOSTA: NÚMERO UM: VISOSES

QUE É, O QUE É?

TODOS TÊM DENTRO DE CASA, MAS NINGUÉM QUER NA CASA.

RESPOSTA: OVO



ENCRUZILHADINHA

	1	2	3	4
1				
2				
3				
4				

1. ANIMAL QUE DÁ LEITE.
2. CARINHO.
3. FRUTO DO COQUEIRO.
4. ARGOLAS, ELOS.

RESPOSTAS: VACA, AMOR, COCO, ARD, S, VISOSES

Convite ao louvor universal

Salmo 116 (hebraico 117)

**1 Louvai o Senhor, nações todas,
povos todos, aclamai-o.**

**2 Porque a sua bondade para conosco é sem limites,
e a fidelidade do Senhor permanece para sempre.**

Considerações Gerais

Brevíssimo convite, de caráter absolutamente universal, a adorar a Deus. Indicado para a festa da subida de Jesus ao céu (Ascensão), para a solenidade Jesus Cristo Rei do Universo (Cristo-Rei), para as festas dos que por primeiro se dedicaram à propagação do reinado do Filho de Deus (Apóstolos), bem como para o princípio do dia de sábado — o sagrado Sabát dos judeus! Só isto basta para a gente se convencer de que o valor de uma peça literária não depende do seu tamanho e sim do seu conteúdo.

Imagine uma das grandes festas de Israel — bem mais solenes do que nossas festas de Primeira Comunhão e de Crisma. Multidões das diversas Províncias e peregrinos das mais diversas nações, prontos para renovação da Aliança. Momento solene e de alegria. De repente, uma voz a

gritar “Louvai...” e o povo a responder “Porquê...”

O menorzinho dos 150 Salmos é uma **doxologia** (glorificação a Deus), como também são doxologias o *Glória a Deus e o Por Cristo, com Cristo*, na celebração da Missa, e o *Glória ao Pai*, que é oração diária de todos os cristãos.

O menor capítulo de toda a Escritura Santa, mas de alcance a perder de vista. Ao convidar todos os povos, sem distinção, a se unir ao povo eleito, para prestar culto ao verdadeiro Deus, este hino universalista anuncia o estabelecimento do reino mundial de Deus e de sua Igreja, e acaba com a idéia nacionalista dos antigos de que cada nação tem seu deus diferente e, particularmente, a idéia de que o Messias deveria reinar somente na Palestina.

Esta perspectiva mundial, este horizonte além da Terra de Israel, até poderia surpreender quem não

se lembrasse de outras passagens dos Salmos. “Todas as nações que criastes virão adorar-vos e glorificar o vosso Nome, ó Senhor.” [Salmo 85 (86), 9].

Diariamente, o legítimo e belo sonho deste Salmo entra nas orações de todos os cristãos. Preces oficiais, não oficiais, coletivas e particulares, solenes ou simples, a pedir que o reinado de JAVÉ, o Deus único verdadeiro, seja de alcance mundial e perene: “Venha a Nós o Vosso Reino”.

“O Senhor está acima das nações. Quem se pode comparar ao nosso Deus?” [Salmo 112 (113), 4-5] — “Deus colocou Jesus Cristo num trono que está muito acima de qualquer principado, autoridade, poder e soberania” (cf. Efésios 1,20).

“Jesus Cristo, Rei dos reis, vinde todos, adoremos!” — é o *leitmotiv*, isto é, a idéia motivadora da celebração de Cristo-Rei.



Foto: Avelino

*

Por aí se vê o significado messiânico do pequeno Salmo.

A existência de cada indivíduo, assim como de cada nação, encontra sua plena razão de ser no reconhecimento da soberania de Deus e no respeito e adoração a ele devidos. “Diante de Deus desaparecem as fronteiras políticas e nacionais e estende-se um laço que une os seres humanos entre si” (Artur Weiser).

Louvai o Senhor se diz em hebraico *Halelú-et-Javé* ou, sem a partícula *et* > *Halelú-Javé* > *Halelú-Ja* > **Halelú-ia**. Guarde bem esta explicação, para que o grito de **Aleluia** que você pronuncia e canta tenha valor de verdadeira oração e seja grito de fervor missionário.

Como motivo de louvor, o salmo lembra as célebres palavras do próprio Deus, reveladas por ocasião da renovação da Aliança: “Javé, Deus rico em bondade e em fidelidade (Êxodo 34,6). **Bondade** e **Fidelidade**, dois atributos divinos — para Deus não se deve dizer “qualidades”, e sim “atributos” — que gostam de aparecer juntos, nos Salmos: 39(40), 11; 56(57), 4; 84(85), 11; 88(89), 15. O primeiro significa bondade ou graça em geral. O segundo, lealdade e constância em cumprir a palavra empenhada, como afirma o apóstolo em Romanos 15, 8. “A veracidade de Deus pela realização das promessas feitas aos patriarcas”.

Para conosco (em nosso favor, sobre nós, para nós) pode indicar determinada nação, ou cidade, ou família (também Família Religiosa, isto é, de pessoas consagradas por votos ao serviço de Deus), ou qualquer tipo de libertação, ou a vinda do Divino Salvador, ou a redenção, ou a conversão do mundo.

O coração, o grau de gratidão, é que vai sugerir quem foi objeto e destinatário da bondade de Deus.

*

Os orientais dizem e repetem, dizem e repetem! Esse estilo se chama **paralelismo**. Nós, que geralmente não repetimos, poderíamos compor o Salmo assim (o que se segue é simples exemplo, bem livre):

*Povos de todas as nações que existem,
agradecidos louvai o Senhor.
Porque imensa tem sido a sua bondade,
e ele não há de voltar atrás!*

EVANGELISMO
USE O VÍDEO!



CEIA NO CÁRCERE

O drama dos encarcerados visto a partir da passagem de Cristo pela prisão na noite anterior ao Calvário. Atrás das grades, Jesus de Nazaré queixa-se: "Estive preso e não me visitaste". O documentário passa então pela realidade carcerária de São Paulo, entrevistando vários detentos e, através deles, de autoridades e de religiosos da pastoral carcerária, faz-se um inventário das penas e agruras nas celas e presídios.

Ficha Técnica

Direção: Hugo Coelho - **Roteiro:** José Antônio de Souza -
Elenco: Fábio Dórea/Vivian Brenner/Leandro Léo/Rafael
Messias de Souza - **Locução:** Osmar Prado - **Direção de**
Produção: Cireneu Kuhn, svd - **Edição:** J. Gaspar Guimarães -
Mixagem: Pedro L. Saretta - **Trilha Sonora:** Cireneu Kuhn -
Produção: Luiz Walter de Souza - **Assis. de Produção:** Paulo
Eugênio/Guido Tretto - **Assist. de Direção:** Lucas Azevedo -
Assist. Técnica: José L. Rodríguez/Agane Tello - **Maquiagem:** Eliete
Salazar - **Câmera:** J.C. Mura - **Som direto e still:** J. Gaspar/Luiz
Walter de Souza - **Eletricistas:** Marquinhos/Jairo/Joaquim -
Administração: Guilherme Warmenhoven, svd - **Arte de Capa:**
Jorge Custódio - **Secretária Executiva:** Josefa Kothern - **Equipe de**
Apoio: Tereza F. Juventino/M. Tereza Jesus Reis/Cleusa da
Silva/Cláudio A. Cabral - **Estagiária:** Andréa Gonzalez Vedo

Realização:

Duração: 40 min.



R. Verbo Divino, 691
04719-001 - São Paulo/SP
Tels: (011) 548-5744 / 246-1867
Fax: (011) 521-6135
© 1996

AMI

PORTE PAGO
ECT - DR/SP
ISR-40 - 2837/81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 — TELS. (011) 66 2128 e 66 2129
CAIXA POSTAL 6226 - CEP 01064-970 — SÃO PAULO, SP

IMPRESSO